

FLORIANÓPOLIS,
SÁBADO E DOMINGO, 21 E 22 DE AGOSTO DE 2021

ND
15+15

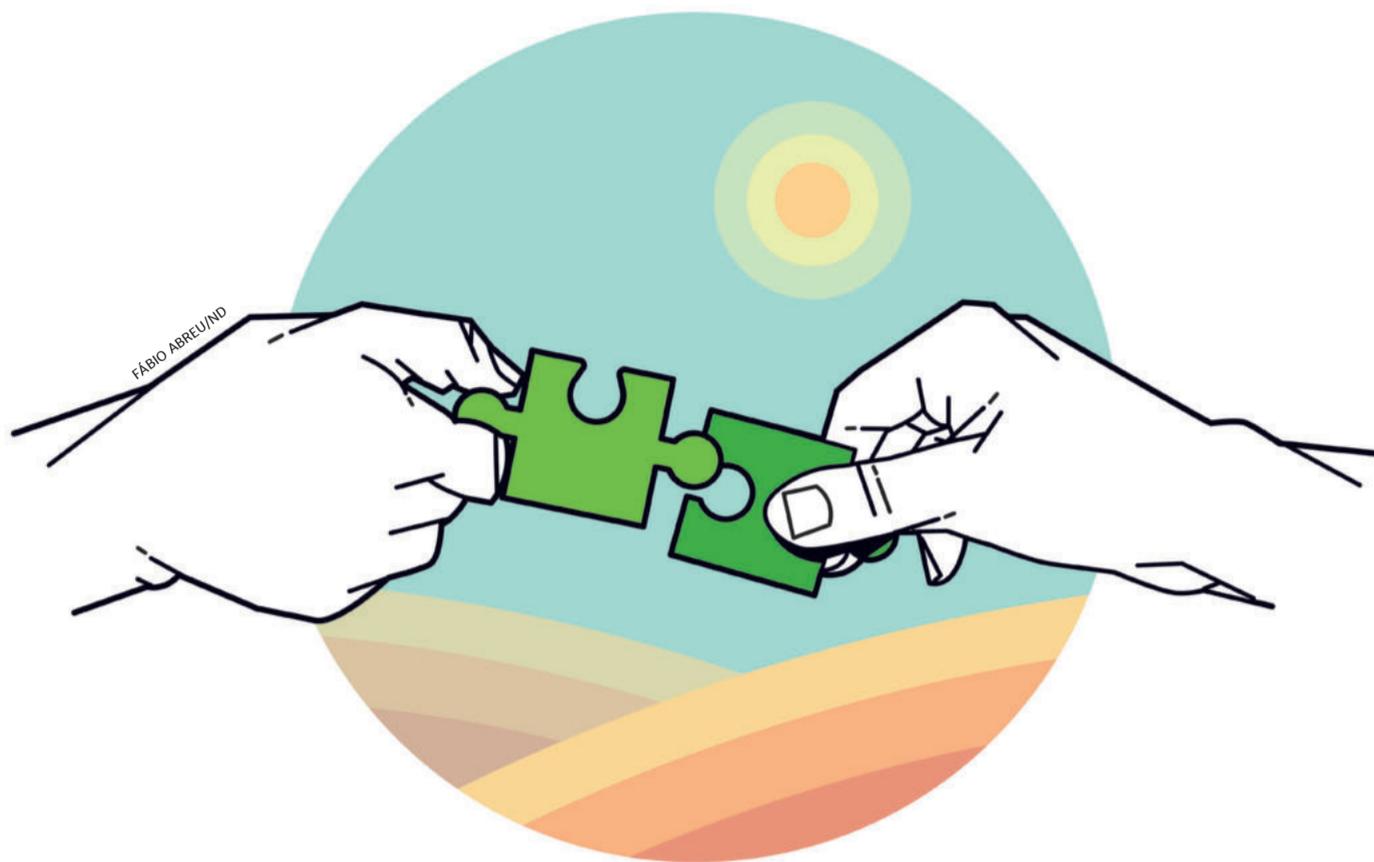


Cada vez mais, a união faz a força

No cooperativismo e associativismo, sociedade encontra soluções para crescer, superar adversidades e até mesmo ajudar o poder público com parcerias que dão muito certo

ASSOCIATIVISMO E COOPERATIVISMO





4/5

UNIÃO É DECISIVA PARA SOBREVIVER

Entidades ajudam empreendedores a entenderem as demandas do mercado e são importantes para orientá-los a se adaptar às tendências. Elas também atuam em colaboração com os administradores públicos, estimulando ações comunitárias em busca de soluções que revertem em benefícios à própria comunidade.

8/9

A MOEDA DO TERCEIRO MILÊNIO

Em meio ao colapso da economia e a incerteza do mercado, uma cooperativa catarinense bateu recorde histórico, com faturamento de R\$ 14,6 bilhões em 2020. Trata-se da Aurora Alimentos, o mais bem-sucedido exemplo de cooperativismo nascido em 1969, da união de oito pequenas cooperativas do Oeste catarinense.

A primeira cooperativa inclusiva do país

Em Florianópolis, a Coepad (Cooperativa Social de Pais, Amigos e Portadores de Deficiência) é a primeira do gênero do Brasil. Há mais de duas décadas atua na abertura do mercado de trabalho para pessoas com deficiência intelectual – reúne 42 cooperados e dezenas de voluntários – e ainda contribui com o ambiente, produzindo blocos, cadernos e caixas de papel reciclado. A Coepad foi idealizada por Aldo Brito, que não queria ver pessoas com deficiência intelectual ociosas.

PÁGINAS 12 e 13

A força do DNA estadual

■ As dificuldades da pandemia reforçaram ainda mais o espírito de união catarinense, defende o presidente da Facisc (Federação das Associações Empresariais de SC), Sérgio Rodrigues Alves. Para ele, a força do associativismo, unida ao voluntarismo, se fortalece diante das dificuldades.

PÁGINA 31

Parcerias para evoluir juntos

■ Presidente da FloripAmanhã, Anita Pires, reforça o que as ações coletivas podem fazer por uma cidade. “A gente não pode ficar esperando que o poder público faça, porque ele não tem mais capacidade para fazer, mas que tenhamos capacidade de construir parcerias público-privadas”, propõe.

PÁGINAS 20 e 21

Orientar para a posteridade

Presidente da Ocesc, a Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina, Luiz Vicente Suzin, destaca em entrevista que segmento responde por 11% do PIB catarinense. Apesar de o destaque ser o agronegócio, as cooperativas de crédito, de transporte e de saúde também tem importante atuação. Ele diz que o foco do trabalho está em fortalecer a presença de jovens e mulheres e se preocupa com as cooperativas de fachada.

PÁGINAS 16 e 17



UMA PUBLICAÇÃO DO GRUPO ND

FUNDADOR E PRESIDENTE EMÉRITO
GRUPO ND E GRUPO RIC
(IN MEMORIAM)

Mário J. Gonzaga Petrelli

PRESIDENTE EXECUTIVO

Marcello Corrêa Petrelli

DIRETOR COMERCIAL

Gilberto Kleinübing

DIRETOR ADMINISTRATIVO
E FINANCEIRO

Albertino Zamarco Jr.

DIRETOR DE PLANEJAMENTO

Derly Massaud Anuniação

DIRETOR DE ENGENHARIA E TECNOLOGIA

Rafael Mafra

DIRETOR OPERACIONAL

Marcelo Campanholo

DIRETOR DE CONTEÚDO

Luís Meneghim

DIRETOR REGIONAL FLORIANÓPOLIS

Roberto Bertolin

GERENTE COMERCIAL

Norberto Moretti Junior

EDITOR CHEFE ND

Rodrigo Lima

ND
15+15

COORDENAÇÃO

Vanessa da Rocha

EDIÇÃO

Altair Magagnin

Felipe Alves

Rosana Ritta

REPORTAGEM

Aline Torres

Bruna Stroisch

Fabrizio Umpierrez

Letícia Dorneles

Lindsey Caetano

Lorenzo Dornelles

Lucas Colombo

Marcelo Fleury

Maria Gabriella Schwaemmler

Marinês Barboza de Jesus

Mariana Passuello

Néri Pedroso

Nicolas Horácio

Pâmela Schreiner

Paulo Rolemberg

Rafael Thomé

Vanessa da Rocha

PRODUÇÃO

Daniel Hugen

ILUSTRAÇÃO

Pablo R. Mayer

Fábio Abreu

FOTOGRAFIA

Anderson Coelho

Leo Munhoz

DIAGRAMAÇÃO

Elaine Cristina

Rafael Martório

Paulo Roberto de Oliveira

INFOGRAFIA E ARTE

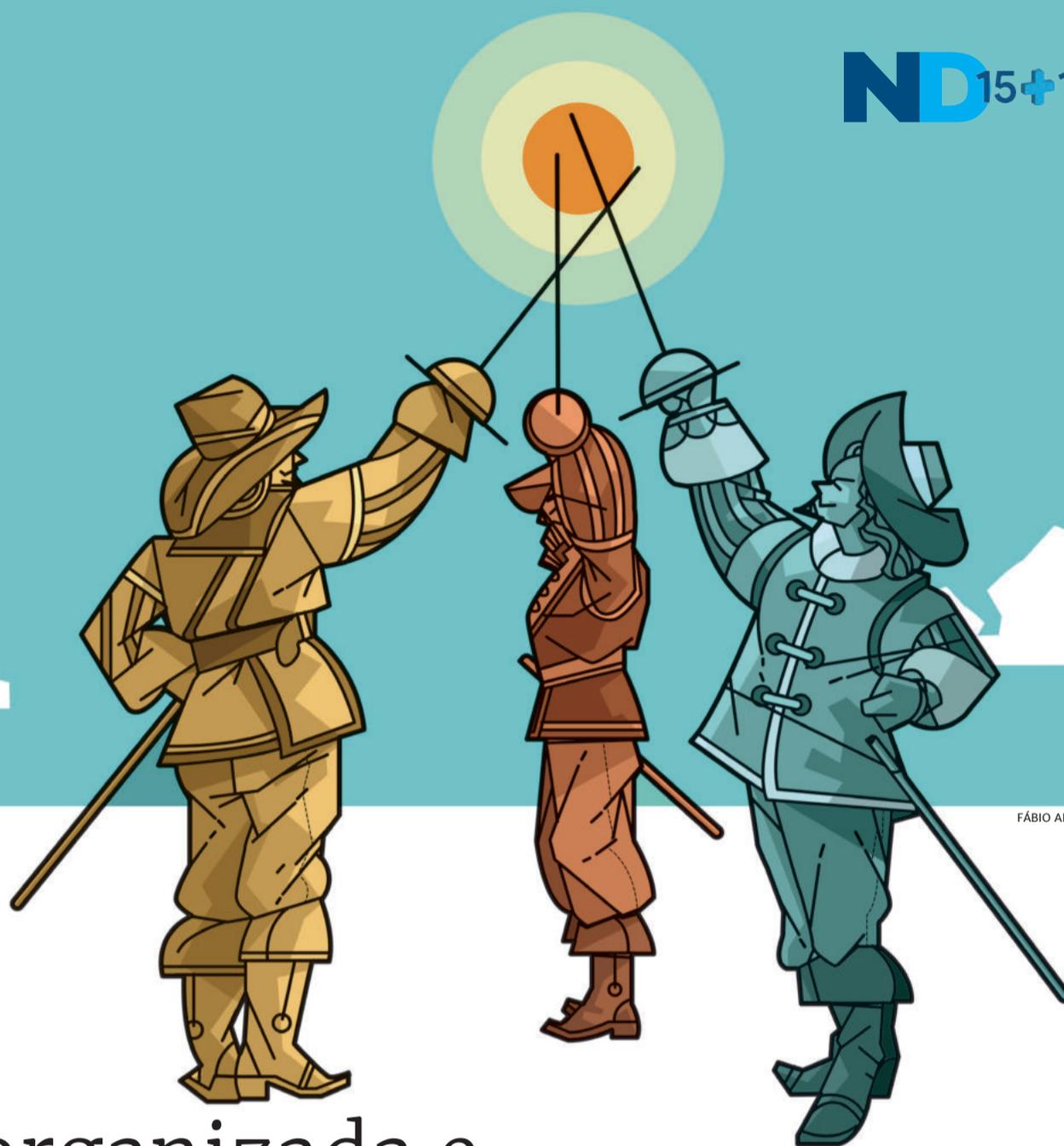
Leandro Maciel

PUBLIEDITORIAL

Patricia Peron

IMPRESSÃO

Artes Gráficas Riosul Ltda



FÁBIO ABREU/ND

A sociedade organizada e consciente vai *salvar o mundo*

Movimentos que unem pessoas pelo bem comum, como o *associativismo* e o *cooperativismo*, deverão se fortalecer ainda mais no futuro

Pâmela Schreiner

ESPECIAL PARA O ND

Um por todos, todos por um! O lema dos três (que eram quatro) mosqueteiros mais famosos da literatura mundial nunca se mostrou tão importante. A realidade dura imposta pela pandemia exigiu da sociedade afastamento, mas ao mesmo tempo união. Na busca por vacinas, na prestação de ajuda aos mais necessitados, no cuidado com o próximo... nesse momento difícil está sendo redescoberta uma força que acompanha a humanidade desde os seus primórdios: a cooperação.

Deixar o individualismo de lado e pensar no coletivo é uma das lições da Covid-19 para o futuro. Juntos, estão sendo conquistados objetivos que seriam impossíveis sozinhos, melhorando bairros, cidades e até países. Fundamentados em princípios parecidos, mas com finalidades diferentes, dois movimentos que já existem no Brasil devem se consolidar nos próximos anos: o associativismo e o cooperativismo. Enquanto o primeiro busca promover assistência social, bem-estar e defesa do interesse de classes, o segundo tem objetivos econômicos, porém pensando no retorno para os indivíduos que o compõem.

Unindo-se para competir

Associativismo é sinônimo de liberdade de expressão. O ato de se unir a pessoas com objetivos em comum está garantido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, publicada em 1948. Mas as associações já existiam muito antes disso. Há 2,5 milhões de anos, o ser humano percebeu que só sobreviveria se juntasse esforços para procurar alimento, o que é considerado o primeiro registro, ainda que primitivo, de associação.

Hoje, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), existem mais de 237 mil entidades sem fins lucrativos no país, 12,9 mil só em Santa Catarina. Elas se ramificam em filantrópicas,

culturais, desportivas, religiosas e empresariais. Esta última forma vem ganhando destaque há alguns anos, porque os empreendedores entenderam que, além de ser recurso de aproximação, o associativismo é estratégia de expansão e permite o aumento da competitividade.

Num mundo em que é difícil acompanhar as mudanças aceleradas do mercado, os empresários precisam da ajuda das associações. “Elas têm agendas pesadas de ensino e capacitação aos associados e ainda promovem geração de negócios. Dão voz e expressão aos pequenos empreendimentos”, explica Arthur Igreja, especialista em Inovação, Tendências e Negócios.

Do mesmo lado do balcão

Momentos difíceis instigam inovação. Em 1844, na Inglaterra, tecelões não conseguiam comprar o básico para sobrevivência em mercadinhos da região. Então, resolveram montar um armazém próprio, adquirindo alimentos em grande quantidade, a preços menores. A ideia simples deu origem ao movimento que hoje envolve um bilhão de pessoas – 12% da população mundial –, segundo a OCB (Organização das Cooperativas do Brasil).

Os princípios que inspiraram a atitude do pequeno grupo inglês continuam norteando o cooperativismo: buscar um mundo mais justo e com oportunidades para todos, unindo desenvolvimento econômico e social. Nas cooperativas, os clientes também são donos do negócio. Os cooperados geram valor e usufruem desse montante, quando há divisão das sobras.

Especialistas acreditam que o cooperativismo é o modelo de negócio do futuro, pelas vantagens que oferece aos cooperados e por agregar valor aos locais onde está instalado.

“As cooperativas não enxergam a cidade como um campo de extração. Elas deixam o valor gerado ali, além de criarem vagas de emprego e oferecerem taxas mais justas”, comenta Igreja. O movimento tem hoje sete ramos: agropecuário, crédito, transporte, trabalho e produção de bens e serviços, saúde, consumo e infraestrutura.



Praça Getúlio Vargas, conhecida como praça dos Bombeiros, localizada no Centro de Florianópolis, foi reformada dentro do programa “Adote uma Praça”

Crescimento das empresas passa pelo associativismo

Entidades *orientam empreendedores a entenderem as demandas do mercado e são importantes para se adaptar às tendências*

Pâmela Schreiner

Especial para o ND

Espaços públicos bem cuidados contribuem para o bem-estar da população. São um convite para a população passar um tempo ao ar livre e aproveitar a natureza. Só que nem sempre as prefeituras conseguem administrar todos estes espaços. Em Florianópolis, sabendo que não conseguiria manter praças e parques bem cuidados sozinha, a administração municipal pediu ajuda e a encontrou em uma associação.

A FloripAmanhã, fundada em 2005, e que tem como propó-

sito tornar a capital catarinense um lugar cada vez melhor para se viver. Ela atua como uma entidade do terceiro setor, fiscalizando as ações dos governantes e buscando respostas para os gargalos da cidade.

“Os sinais dos tempos nos mostram a fraqueza da gestão pública. A sociedade se sente fragilizada, mas com desejo intenso de transformação. Para isso, devemos olhar para o bem comum, o coletivo que traz a solução”, declara a presidente da associação, Anita Pires.

Com essa ideia em mente, prefeitura e FloripAmanhã criaram juntas, em 2007, o programa

“Adote uma Praça”. Com apoio da iniciativa privada, revitalizaram mais de 100 espaços públicos. Locais que antes a população evitava frequentar, hoje pulsam vida. Nessa parceria, todos saem ganhando: os moradores desfrutam de áreas de lazer seguras, as empresas divulgam seu trabalho e o município economiza recursos. O setor privado também está trilhando o caminho da junção de forças. É por meio do associativismo empresarial que empreendedores vão enfrentar as mudanças do mercado do futuro. Para isso, as associações terão que inovar e se adaptar às novas demandas.



As entidades vão ajudar os eleitos a cumprir melhor seus mandatos e promover o bem-estar social. Outra movimentação que deve acontecer é a junção de associações ou a realização de projetos em conjunto.”

Arthur Igreja, especialista em Inovação, Tendências e Negócios

Horizonte de desafios

Associações costumam fazer planejamentos estratégicos, sejam anuais ou prevendo os próximos cinco anos. Porém, isso geralmente ocorre de forma muito restrita, pensando apenas em pequenos ajustes, agendando reuniões e reorganizando as categorias de membros. Para prosperar neste futuro incerto, é necessário pensar de forma mais ampla.

Os norte-americanos saem na frente quando se trata de antecipar tendências. Terra fértil para o desenvolvimento do associativismo, os Estados Unidos têm hoje mais de 66 mil associações comerciais e profissionais, conforme o The Center for Association Leadership.

Estudos apontam o que o movimento deve fazer para se manter em alta no futuro. As perspectivas recorrentes são transformação digital, novos jeitos de arrecadar recursos e identificação das necessidades dos membros para prestar serviços diferenciados.

Antes de aplicar essas tendências, o Brasil terá que superar outra dificuldade que já foi vencida nos EUA: aumentar a cultura do associativismo. Não só atrair novos membros e as gerações mais jovens, mas também envolver e manter quem já está dentro da entidade. “Quando precisávamos de mobilização para alcançar avanços, não era fácil chamar as pessoas. Não vinham.

Hoje melhorou muito, mas ainda está distante”, conta a presidente da FloripAmanhã.

Apesar deste desafio, para o presidente do Conselho de Gestão da Escola de Associativismo, Sérgio Rogério de Castro, o movimento tende a crescer. Ele acredita que as associações vão ganhar importância maior no ambiente político, auxiliando parlamentares a tomarem decisões certas para a comunidade. “As entidades vão ajudar os eleitos a cumprir melhor seus mandatos e promover o bem-estar social. Outra movimentação que deve acontecer é a junção de associações ou a realização de projetos em conjunto”, considera.

Florianópolis aderiu ao associativismo cem anos depois

A Bahia é considerada o berço do associativismo comercial no Brasil. A primeira entidade foi fundada há mais de 2000 anos, em 1811, atendendo a interesses de comerciantes, que necessitavam um lugar digno para se encontrar e promover negócios, e de governantes, empenhados em desenvolver a região.

Florianópolis entrou no movimento com mais de cem anos de atraso, mas nem por isso ficou para trás. Desde que começou a representar os empresários manezinhos, em 1915, a Acif (Associação Empresarial de Florianópolis) conquistou marcos importantes. Uma de suas primeiras contribuições foi trazer para a Capital sua agência bancária pioneira e, mais recentemente, por meio de um programa socioambiental, garantiu para Florianópolis o título de cidade que mais recicla óleo de cozinha no mundo.

Assim como a Acif, outras 7,4 mil associações empresariais e patronais trabalham juntas para adquirir vantagens econômicas, conhecimentos e novos negócios. A entidade de Florianópolis tem 4 mil associados, para os quais oferece segurança jurídica, capacitação e até acesso mais facilitado a linhas de crédito. “As pessoas nos buscam para aumentar a competitividade, tornar o ambiente de negócios menos burocrático e mais favorável ao desenvolvimento do emprego e renda”, explica o presidente Rodrigo Rossoni.

Mesmo com tantos benefícios, alguns empresários ainda não entenderam a importância do associativismo. O desafio para o futuro é aumentar o engajamento, atrair novos participantes e inovar modelos de atuação.

COMO SE PREPARAR PARA O FUTURO

MICROLEARNING

com o avanço da tecnologia e as mudanças velozes do mercado, o aprendizado constante se mostra essencial. Associações terão que proporcionar pequenas “doses de conhecimento”, com cursos curtos, que respondam a demandas imediatas.

ANTECIPAR NECESSIDADES

o big data e a inteligência artificial podem ajudar associações a anteciparem oportunidades e ameaças. Isso vale para o mercado em que a entidade atua e até para prever o que os membros precisarão no futuro.

FUTURO SUSTENTÁVEL

associados contribuem financeiramente, mas é preciso pensar em novas maneiras de conseguir recursos. Especialistas apostam no investimento de impacto, feito por grandes corporações que enxergam nas associações maneira de gerar resultados positivos, e na criação de subsidiárias com fins lucrativos.

ATRAIR NOVOS MEMBROS

conquistar a nova geração de profissionais exigirá que as associações deixem modelos tradicionais de lado. Para isso, as dicas são apostar no digital, formar núcleos jovens e promover networking constante.

PRESENÇA DIGITAL

para além das redes sociais, as associações precisarão desenvolver plataformas de gestão e participação digitais, que sejam responsivas, intuitivas e amigáveis. Reuniões e eventos, que passaram para o on-line na pandemia, devem seguir por lá.

Uma escola para aprender a crescer

Colocar as tendências em prática pode não ser tarefa fácil para muitas associações. Pensando nisso, em 2015 um grupo de entusiastas e especialistas no movimento formou a Escola de Associativismo. Por meio de cursos, palestras e conteúdo on-line, tudo gratuito, a instituição oferece conhecimento para que entidades aumentem o engajamento dos membros e melhorem os serviços prestados.

O objetivo da escola é a profissionalização das associações. Segundo Castro, no Brasil o número de entidades profissionalizadas, com presidentes remunerados, por exemplo, não chega a 1%. Nos EUA, ultrapassa os 80%. Existem até associações formadas apenas por dirigentes de outras associações. “Queremos conscientizar sobre a importância desse movimento. As associações são escolas de cidadania e vão melhorar o mundo”, completa Castro.



PENSE POSITIVO

VOCÊ NÃO TEM IDEIA DE QUANTOS
BONS NEGÓCIOS PODEM SURGIR
QUANDO VOCÊ TAMBÉM
VÊ O LADO POSITIVO

- Maior poder de negociação ao solicitar crédito com a possibilidade de menores taxas e melhores prazos.
- Avaliação de crédito baseada no comportamento de pagamento e não somente nas informações restritivas.
- Cadastro que demonstra o quanto a empresa é boa pagadora.



CADASTRO
POSITIVO
Use a favor dos seus negócios

PARCEIRO

BoaVista
SCPC

FACI 50 ANOS
FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES EMPRESARIAIS
DE SANTA CATARINA

Saiba mais sobre como o Cadastro Positivo e nossas outras soluções podem contribuir no seu negócio: acesse www.facisc.org.br/solucoes

Facisc, 50 anos de atuação em prol do crescimento de SC

FOTOS DIVULGAÇÃO/ND

Nos próximos anos, a federação afirma que a prioridade é reforçar a atuação junto ao empresariado e à sociedade catarinense

Os desafios impostos pela pandemia de Covid-19 impactaram de forma significativa as diversas atividades econômicas em todo o país. Santa Catarina, no entanto, retomou e acelerou o crescimento no primeiro trimestre de 2021. O PIB (Produto Interno Bruto) estadual teve alta de 2,9% em 12 meses encerrados em março deste ano, frente ao mesmo período do ano anterior.

A recuperação demonstra a força de produção e o destaque do Estado na economia nacional. A indústria é a que

mais se destaca, apresentando o maior crescimento nacional no acumulado de janeiro até abril de 2021, com uma expansão de 24,4% em comparação com o mesmo período do ano passado.

A Facisc (Federação das Associações Empresariais de Santa Catarina), que completou em 2021 50 anos de atuação em prol do desenvolvimento sustentável de Santa Catarina contribuiu, ao longo dos anos, para esse crescimento que hoje evidencia o Estado no país.



A Facisc tem como principais bandeiras a redução e simplificação da carga tributária, o desenvolvimento econômico sustentável e a melhoria contínua da infraestrutura

Futuro junto às afiliadas e à sociedade

Para o futuro, nos próximos 15 anos, a Facisc afirma que a prioridade é reforçar a atuação junto ao empresariado e à sociedade catarinense. “A intenção é promover a integração e a representatividade empresarial de forma voluntária por meio do associativismo, em busca do ambiente favorável aos negócios e ao desenvolvimento sustentável. É desta

forma que cumprimos com a nossa missão institucional”, destaca o presidente Sérgio Rodrigues Alves.

Baseada em cinco pilares, a gestão 2021-2023 também passará a considerar, de forma transversal, no planejamento estratégico, as contribuições para o alcance da Agenda 2030 por meio dos ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável).

“Santa Catarina é um Estado que tem crescimento. Temos uma carência muito grande em infraestrutura e sabemos que é imprescindível para o desenvolvimento do turismo”.



Sérgio Rodrigues Alves, presidente da Facisc

Bandeiras pelo desenvolvimento

Nos últimos 15 anos, assim como em toda a sua trajetória, a entidade defendeu os anseios da classe produtiva e teve como principais bandeiras a luta contra a alta carga tributária e a justa distribuição dos tributos, além da melhoria contínua da infraestrutura. A federação também já encampou batalhas históricas como a duplicação da BR-101 e continua na disputa por outras rodovias como as BRs 470, 280, 282 e tantas outras.

A estruturação de portos e

aeroporos é outro tema que está sempre no radar da Facisc, como é o caso dos aeroportos de Navegantes, Chapecó, Lages e Caçador, os portos de Imbituba, Itajaí, São Francisco do Sul e Itapoá e a Ferrovia do Frango, essenciais para o desenvolvimento catarinense. Neste ano, a entidade trabalha fortemente pela construção da ponte que liga Santa Catarina, em Itapiranga, ao Rio Grande do Sul, além do Porto Seco em Dionísio Cerqueira.

Projetos para o turismo

A Facisc é ainda líder em projetos de turismo no Brasil. “Somos reconhecidos pela Alemanha pelo trabalho que fazemos no Del Turismo. Santa Catarina é um Estado que tem crescimento. Temos uma carência muito grande em infraestrutura e sabemos que é imprescindível para o desenvolvimento do turismo”, afirma o presidente da entidade, Sérgio Rodrigues Alves.

O Programa Del Turismo é uma alternativa para que se faça o planejamento e a gestão do turismo na região.

“Estruturar o turismo não na visão do turista, mas na visão de quem vive na região é uma das premissas do programa”, acrescenta o presidente.

A iniciativa é baseada nos eixos norteadores para um turismo sustentável, como gestão do destino, cultura e tradição, natureza e paisagens, ambiente e clima, bem-estar social, negócios e hospitalidade. O programa já estruturou o turismo em nove cidades de Santa Catarina, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul.

OUTROS PROGRAMAS DESENVOLVIDOS PELA FACISC

PROGRAMA GERAÇÃO EMPREENDEDORA

Despertar, estimular e orientar o desenvolvimento do espírito empreendedor e da cultura associativista junto dos estudantes de ensino médio e criar uma geração consciente, proativa e capacitada para transformar o cenário socioeconômico, são alguns dos objetivos do Programa Geração Empreendedora, realizado desde 2015 pela Facisc com o apoio dos seus núcleos de jovens e mulheres empreendedoras.

PROJETO VOZ ÚNICA

O Voz Única é um programa

que ajuda a entender o que o Estado precisa para crescer e se desenvolver, levantando as dificuldades e reais necessidades. Esse conteúdo, organizado pelas Associações Empresariais do Sistema Facisc, integra uma importante cartilha chamada “O que SC precisa”.

PROGRAMA DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO LOCAL

O DEL (Programa de Desenvolvimento Econômico Local) desenvolvido pela federação, instituiu um modelo de gestão capaz de contribuir para o desenvolvimento da região,

garantindo a continuidade dos projetos de interesse da comunidade, em prol do desenvolvimento econômico sustentável do município.

PROGRAMA EMPREENDER

O Programa Empreender é a estratégia da Facisc que estimula a competitividade empresarial e que há mais de 30 anos atua de forma ininterrupta em Santa Catarina.

Seu objetivo é contribuir para a quebra do isolamento da micro e pequena empresa, promovendo o associativismo e o desenvolvimento do negócio e de iniciativas empreendedoras.



Aurora, exemplo de cooperativa do Oeste catarinense que se tornou um dos maiores exportadores do país: crescimento de 33% em 2020

Investindo em tecnologia, estimulando a intercooperação e novos modelos de negócio, cooperativas devem ganhar de vez a preferência dos brasileiros

Uma aposta nesta que é a moeda do terceiro milênio

Enquanto muitas empresas quebraram, a economia entrou em colapso e a incerteza dominou o mercado, uma cooperativa catarinense bateu um recorde histórico: faturou R\$ 14,6 bilhões em 2020. Em plena pandemia, a Aurora Alimentos investiu em tecnologia e cresceu 33%.

A Aurora, que hoje é uma das líderes na produção de proteína animal e a 20ª maior empresa do agronegócio brasileiro, segundo a Forbes, nasceu em 1969, da união de oito pequenas cooperativas do Oeste catarinense. Produtores juntaram esforços para comprar um frigorífico e garantir mais qualidade no abatimento de suínos.

Mais de 50 anos depois, a Aurora virou um verdadeiro império, formado por mais de 65 mil famílias de cooperados. Assim como 1.172 cooperativas brasileiras do ramo agro, gera empregos, renda e desenvolvimento nas cidades onde atua e ajuda pequenos produtores a competirem com grandes indústrias.

CONTEXTO HISTÓRICO

O povo catarinense é reconhecido pelo espírito empreendedor, muito por sua formação histórica, na qual as colonizações alemãs e ita-

lianias se sobressaem, duas etnias reconhecidas pela determinação em superar grandes adversidades.

No Estado, as primeiras iniciativas cooperativistas datam de 1842, mas a considerada pioneira é a Societá Cooperativa Del Tabaco, fundada em 1889 por colonos da Itália, no Vale do Itajaí, para produzir e exportar fumo para a Europa.

A expansão do cooperativismo pelos estados do Sul ocorreu alguns anos depois e pode ser exemplificada pela origem da Aurora. No passado, pequenas propriedades rurais conseguiram garantir a própria subsistência e vender seus produtos. Porém, com o aumento do grau de produtividade, tornou-se economicamente inviável rivalizar com as grandes fazendas do Mato Grosso, por exemplo.

O caminho encontrado para mudar essa realidade foi a cooperação. “Os produtores perceberam que, com a união, teriam um ganho de escala. Em vez de competirem um com o outro, se entregassem a produção numa cooperativa poderiam centralizar no local e obter retorno financeiro”, explica Arthur Igreja, especialista em Inovação, Tendências e Negócios. Elas ofereceram aos integrantes força para

fazer grandes negociações de compra e venda e até a possibilidade de expandir para o mercado internacional.

As cooperativas ainda encontram áreas de atuação para além do agronegócio. A partir de 1930, houve um boom do ramo de crédito, especialmente no Rio Grande do Sul, por cooperativas que depois abriram filiais em Santa Catarina.

Fornecendo energia elétrica para o interior, ganham força no fim da década dos anos 1950 as de eletrificação rural. Na saúde, em 1971 é fundada a Unimed, que segue como uma das maiores do Brasil.

Embora já existam mais de 4,8 mil cooperativas no país, o movimento ainda tem espaço para crescer. “Nós não temos nem 10% da população cooperada. Precisamos mostrar as vantagens e conscientizar as pessoas para que entrem no cooperativismo”, fala José da Paz Cury, especialista no assunto.

Ele acredita que o Brasil pode inovar para alcançar números como os da Alemanha e Canadá, onde mais da metade dos cidadãos participa de cooperativas. As oportunidades para o futuro são inúmeras, se as instituições souberem aproveitar.

Cooperativismo 2.0, o futuro é digital

Não dá mais para resistir à tecnologia. Assembleias remotas, aplicativos que realizam operações financeiras, e-commerce... O futuro das cooperativas passa pelo digital. Na pandemia, isso se mostrou ainda mais importante, já que as atividades presenciais foram quase que inteiramente suspensas. As instituições terão que marcar presença forte no ambiente on-line, já que ele garante agilidade na comunicação com os cooperados.

Para Igreja, ainda é possível ir além e aproveitar recursos tecnológicos para criar até um sistema monetário exclusivo. "Faz muito sentido para as cooperativas terem as próprias moedas digitais, para integrar negócios, utilizando o blockchain", idealiza.

A intercooperação, um dos princípios do movimento, também é tendência para o futuro e deverá passar pelo ambiente digital. "Ela encurta distâncias, conecta instituições de todo o país e impulsiona negócios", enfatiza Tânia Zanello, gerente geral da OCB (Organização das Cooperativas do Brasil). A entidade desenvolveu a plataforma NegóciosCoop, que funciona como uma vitrine para instituições divulgarem seus serviços e serem facilmente encontradas por outras cooperativas.

PROGRAMAS DE INOVAÇÃO

Apostar em programas de inovação aberta também ajudará cooperativas a melhorarem seus serviços e desenvolverem novos processos de trabalho. A OCB já embarcou na tendência e criou o "Inovacoop Conexão com Startups", para conhecer desafios das instituições e identificar startups que ofereçam soluções. "Queremos aumentar a eficiência dos projetos das coops, reduzir custos e riscos, aumentar o retorno sobre investimentos e ampliar oportunidades e fontes de receita", explica a presidente.

O cooperativismo ainda deve se fundir a novos modelos de negócio, como o de plataforma, que intermedia a relação entre consumidor e vendedor. No caso da Uber, por exemplo, os motoristas não têm os mesmos direitos de trabalhadores formais e não recebem parte do lucro da empresa. O movimento cooperativista pode tornar esse modelo mais atrativo e democrático. Motoristas seriam cooperados, com participação na tomada de decisões e aumento na renda.

Contudo, para concretizar essas tendências, o cooperativismo precisa primeiro superar um desafio: informar e formar uma geração que entenda os benefícios do movimento. "Se nós conseguirmos trazer essa consciência e quebrar o paradigma de que o sucesso se alcança pela competição, vamos crescer muito", finaliza Cury.

Cooperativismo em números (2020)



Nós não temos nem 10% da população cooperada. Precisamos mostrar as vantagens e conscientizar as pessoas para que entrem no cooperativismo."

José da Paz Cury, especialista no assunto

SISTEMAS DE INOVAÇÕES



APLICATIVO PARA ASSEMBLEIAS DIGITAIS
para melhorar a experiência dos cooperados e possibilitar reuniões remotas, a Coopersystem, que trabalha com soluções tecnológicas, desenvolveu o "Curia". O aplicativo permite o gerenciamento de assembleias virtuais e a automação de processos das presenciais.



PLATAFORMA PARA PROMOVER NEGÓCIOS LOCAIS
O sistema Ailos, que reúne 13 cooperativas, criou um site para que seus cooperados empreendedores divulguem produtos e serviços de forma gratuita. É uma vitrine virtual, que oferece visibilidade e apoia negócios locais.



HOSPEDAGEM COOPERATIVA
Ao contrário do Airbnb, o Fairairbnb não pertence aos investidores, mas sim aos hóspedes, anfitriões e empresários locais. A plataforma europeia investe as sobras em projetos sociais que beneficiam a comunidade, como locais de lazer.



BITCOIN DO CAFÉ
A Minasul, do ramo agro, criou sua primeira moeda digital, que permite a troca de grãos de café produzidos pelos cooperados por mercadorias vendidas nas lojas da cooperativa, que vão desde um chapéu até um trator.



TRANSPORTE POR APLICATIVO VANTAJOSO
A insatisfação com as tarifas cobradas por outros aplicativos levou motoristas paranaenses a criarem o VouBem, uma cooperativa de transporte que oferece corridas mais baratas e melhores condições de trabalho.



O futuro é o resultado
das mudanças
que você faz hoje.
Mude para o Sicoob.

- CRÉDITO PESSOAL E CONSIGNADO
- FINANCIAMENTO
- CHEQUE ESPECIAL

No Sicoob, você conta com todo o apoio da maior instituição financeira cooperativa do país para realizar o que quiser. E o melhor: com acesso às menores taxas do mercado, os melhores rendimentos e participação nos resultados da cooperativa. Além disso, como cooperado do Sicoob, você contribui com o desenvolvimento da economia de sua região. Escolha uma boa mudança para o seu futuro. **Mude para o Sicoob.**



Sicoob cresce em associados, ativos e aposta em tecnologia

Entidade destaca a importância do modelo do cooperativismo para a economia

Ao oferecer as vantagens e benefícios das tecnologias de ponta, produtos, serviços e facilidades disponibilizados por qualquer Instituição financeira do país, mas com foco no trabalho em conjunto, na economia compartilhada, no atendimento humanizado e nos benefícios revertidos à própria comunidade, o cooperativismo ganhou espaço em Santa Catarina e no país.

Com mais de 1,2 milhão de associados, o Sicoob SC/RS mostra que, nos últimos 15 anos, esse crescimento ocorreu de forma significativa. No período, a entidade aumentou o número de ativos a cada ano e, desde 2020, amplia a expansão no Rio Grande do Sul. O Sicoob SC/RS é o segundo maior financiador de crédito rural em Santa Catarina e, em 2020, o sistema cresceu 4,6% em operações gerais de crédito, 51% em depósitos e 26% em patrimônio líquido.

A diretora de Operações da entidade, Maria Luisa Lasarim, destaca a autorização, pelo Banco Central, ocorrida em 2013, para o sistema cooperativo de crédito atuar em regime de livre admissão, como um fator que marcou esse desenvolvimento.

“Foi um divisor de águas, pois antes nós tínhamos coopera-

SICOOB/DIVULGAÇÃO/ND



Sicoob SC/RS é o segundo maior financiador de crédito rural em Santa Catarina

Hoje, em SC, o Sicoob está em 272 cidades, o que representa 92% dos municípios catarinenses. No Estado e no RS, a capilaridade é de 561 agências e 6.400 funcionários.

tivas segmentadas, em sua maioria, ou seja, um grupo de um setor da sociedade se reunia, criava sua cooperativa e trabalhava só para aquele segmento, por exemplo. A partir dessa possibilidade que o BC abriu, as cooperativas passaram a captar associados de todos os segmentos da sociedade e isso, então, proporcionou um crescimento muito grande, que a gente percebe até hoje, inclusive ultrapassando a marca de 1,2 milhão de cooperados”, afirma.

Atualmente, segundo a diretora, das 38 cooperativas que atuam no Sistema Sicoob Santa Catarina e Rio Grande do Sul, 32 são de livre admissão.

Mudanças no associativismo

Maria Luisa lembra que a abertura para o regime de livre admissão também se reverteu em ganhos para o próprio cooperativismo. “O sistema se estruturou internamente com ações administrativas, operacionais e uma incorporação

bem robusta de tecnologia de última geração, para fazer frente a toda essa demanda de novos cooperados que passamos a ter”, diz.

A diretora acrescenta que, hoje, mais de 85% de todas as transações do Sicoob são feitas por meio das platafor-

mas virtuais, pelo internet banking, pelo aplicativo da entidade e pelo mobile banking. “O nosso aplicativo é muito bem avaliado e mais de 50% das transações dos nossos cooperados já são realizadas pelo mobile banking”, reforça ela.

Benefícios para o Estado

Com todas as ações, o objetivo do Sicoob, acrescenta a diretora de Operações, é promover justiça financeira e prosperidade, tanto para os cooperados, quanto para as regiões onde eles vivem. “Cada cooperativa atua em uma determinada área de municípios. Todos os recursos captados por essas cooperativas são investidos na própria comunidade. Isso movimenta a economia, gera emprego e renda”, esclarece.

No cooperativismo, ela explica, os resultados, que seriam denominados lucros nos bancos, são chamados de sobras. No Sicoob, apenas no último ano, foram gerados R\$ 590 milhões em sobras. “Esse montante tem a destinação decidida pelos associados em assembleia. Ao longo dos anos, os associados têm atingido uma maturidade grande e entendido que as sobras precisam ser integralizadas ou mantidas em fundos, na cooperativa, para fortalecer a instituição que, desta forma, consegue atender as necessidades do quadro social”, esclarece Maria Luisa.

JOSE SOMENSI/DIVULGAÇÃO/ND



Maria Luisa Lasarim destaca as vantagens do associativismo

Planos de expansão e crescimento

No Rio Grande do Sul, os planos são para se fazer presente, nos próximos anos, em todos os municípios com mais de 20 mil habitantes. “Trabalhamos fortemente neste sentido, de expandir as atividades, principalmente no estado gaúcho, onde atuamos há menos tempo. Também pretendemos continuar crescendo em número de associados e de ativos”,

diz a diretora de Operações.

Em relação ao associativismo, ela reforça a importância do modelo que o cooperativismo representa, de trabalhar junto ao cooperado. “A aposta é em tecnologia de ponta, com menor custo e maior qualidade de produtos e serviços, sem perder a essência do segmento, que é estar próximo às pessoas, oferecendo, também o atendi-

mento humanizado. Ao mesmo tempo em que oferecemos os mesmos produtos e inovações de um banco, temos inúmeras vantagens. Por trabalharmos com taxas de juros e tarifas mais acessíveis, em 2020, cada associado obteve, em média, uma economia de R\$ 2,3 mil em despesas financeiras, apenas em taxas de juros e tarifas”, finaliza Maria Luisa Lasarim.



Aldo Brito, orgulhoso, apresenta os produtos da Coepad, todos com foco na reciclagem e proteção ambiental

Uma família de fibra, a primeira cooperativa inclusiva do Brasil

Em Florianópolis, a primeira entidade do gênero do Brasil dá oportunidade de *trabalho para pessoas com deficiência intelectual*, ao mesmo tempo que contribui para o meio ambiente com a produção de papel reciclado

Pâmela Schreiner

Especial para o ND

Pessoas com deficiência intelectual podem ser independentes e ativas no mercado de trabalho. Basta ensiná-las. Com esse propósito em mente, um grupo de pais e amigos fundou em 1999, em Florianópolis, a primeira cooperativa social do país.

A intenção inicial era proporcionar aos filhos uma ocupação no contraturno escolar, evitando tempo ocioso, mas a Coepad (Cooperativa Social de Pais, Amigos e Portadores de Deficiência) se tornou muito mais do que isso: é hoje um ambiente que contribui para o exercício da cidadania e para a inclusão, atendendo pessoas com deficiência intelectual com mais de 18 anos.

A Coepad deu seus primeiros passos em 1998, com a instalação de uma oficina para fabricar papel artesanal.

“Começamos com uma sala, uma panela, um fogão e um liquidificador”, recorda o fundador e ex-presidente Aldo Brito. Orientada por entidades especializadas, inicialmente ganhou uma sala da Fundação Vidal Ramos, e posteriormente o apoio da Ocesc (Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina), que orientou a formação da cooperativa, fundada no dia 11/11/1999.

Hoje, instalada no bairro Estreito, na região continental da Capital, atende 42 cooperados, com ajuda de mais de 20 voluntários. Orienta, ensina, produz e comercializa produtos feitos a partir de papel 100% reciclado, como caderno, blocos, agendas, canudos para formaturas e caixas.

Brito recorda que no início, ninguém tinha muita noção do que se tratava o projeto, tanto que para os envolvidos era como uma escoli-

nha. Mas com o desenvolvimento por meio da atividade, eles adquiriram independência tanto financeira como na mobilidade. Sabem pegar ônibus sozinhos, trabalham com responsabilidade e desenvolvem trabalho de excelente qualidade.

“**Valeu pelo seguinte: eu sinto que as pessoas são felizes aqui dentro.**”

Aldo Brito, idealizador, fundador, ex-presidente e hoje voluntário da Coepad

Cidadania, reciclagem e produtos de qualidade

A Coepad surgiu de um ideal de Aldo Brito. No dia em que a filha dele, Fabiana, veio ao mundo, ele decidiu que teria uma nova missão de vida: promover a inclusão de pessoas com deficiência. A menina nasceu com síndrome de Down, mas o pai nunca deixou que isso fosse um empecilho para que ela participasse ativamente da sociedade.

“Sempre acreditei que o deficiente precisa ter começo, meio e fim. Não pode ficar só na escola ou sem fazer nada. Deve trabalhar”, observa.

Hoje como voluntário, ele acompanha diariamente a evolução dos cooperados e acredita que a instituição ajuda a fortalecer a independência. “O desenvolvimento deles é espetacular. Antes, os pais os traziam. Hoje cada um já pega o ônibus e vem sozinho. Formamos uma verdadeira família aqui”, fala, emocionado. Para além do trabalho, a cooperativa oferece atividades desportivas, promove festas, participa de feiras e já formou até um coral.

Ninguém vai para a Coepad apenas para passar o tempo. Os cooperados batem ponto, têm horário de entrada e saída e responsabilidades bem definidas. É como se fosse uma empresa, mas os donos são os próprios “funcionários”. Eles não recebem remuneração, mas se a cooperativa fecha o ano com lucro, esse valor é dividido entre todos.

A instituição se mantém financeiramente com a venda de produtos, principalmente para empresas e entidades da Grande Florianópolis, e contribuições. “Não podemos ter independência financeira ainda, porque nosso produto é um pouco caro, tem custo maior, mas conseguimos viver tranquilamente”, menciona Aldo.

Cada etapa do processo é motivo de comemoração

Todo o material usado na fabricação dos artigos vem de doações da comunidade. Os cooperados transformam o papel usado que iria para o lixo em papel artesanal, matéria-prima para a confecção dos demais produtos. Em oficinas, eles aprendem como executar cada etapa do processo. Cada parte do processo, até como aprender a dobrar o papel com perfeição, é festejada por todos.

“As pessoas se sentem bem aqui. Elas até brigam quando a cooperativa fica fechada por alguns dias”, lembra Aldo. Férias? Nem pensar. Infelizmente, explica ele, por causa da pandemia a Coepad precisou suspender as atividades presenciais.

Foi até difícil explicar para os cooperados que o trabalho daria uma pausa. No entanto, a volta já está sendo preparada e deve ocorrer no mês de outubro. “Estamos reformando nossa sede e pesquisando com as empresas quais produtos elas vão precisar”, explica Aldo.

Mais do que trabalho, eles desenvolveram laços de amizade, vários romances surgiram e foram fonte de inspiração até mesmo para uma iniciativa premiada. O documentário “Fibra”, que tem como fio condutor a amizade entre Fabiana Brito, Luciano Ramos e Angélica Medved, todos com síndrome de Down e cooperados, venceu o Prêmio Júri Oficial de Melhor Filme na Mostra Catarinense do FAM (Florianópolis Audiovisual Mercosul) em 2012 e ganhou, no mesmo festival, o Prêmio Itapema FM de melhor filme. Foi produzido pela Doc Dois Filmes, dos jornalistas Fernando Evangelista e Juliana Kroeger.

FOTOS DIVULGAÇÃO/ND



Parte do grupo de cooperados e voluntários que formam a grande família da Coepad



Contribuição ambiental

A Coepad já nasceu pensando no futuro. O principal trabalho da cooperativa é a reciclagem de papel, prática que contribui para o meio ambiente de várias maneiras. Todo ano, no Brasil, 4,7 milhões de toneladas do material são descartadas, volume que poderia se transformar em novos produtos.

Estima-se que o papel pode ser reciclado até seis vezes. Na cooperativa, são feitas cerca de 200 folhas por dia. Parece pouco, mas as pequenas ações contribuem para o desenvolvimento mais sustentável do planeta.

Cooperativismo inclusivo

As cooperativas sociais são relativamente recentes no país. O movimento começou na Itália, em 1978, quando houve a aprovação de uma lei que autorizou a fundação desse tipo de entidade. A chamada Psiquiatria Democrática Italiana criou cooperativas que aceitavam pessoas com histórico de problemas psiquiátricos. França, Portugal, Bélgica e outras nações europeias apoiaram essa nova forma de cooperativismo. No Brasil, a lei que dispõe sobre as cooperativas sociais foi aprovada em 1999.



Fecoagro: há 46 anos se comunicando com todos os campos do agronegócio e do cooperativismo de SC



Comunicação



Convênios



Central de Negócios



Indústria



www.fecoagro.coop.br

Cooperativismo *agropecuário* catarinense cresce e avança

Fecoagro amplia faturamento, associados e investe na tecnologia e inovação para o futuro do segmento

Há 15 anos passados, quando nascia o Jornal ND, o cooperativismo catarinense registrava um faturamento total de R\$ 7 bilhões, segundo relatório da Ocesc (Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina), congregava 669 mil associados, e tinha registrado 283 cooperativas. No último ano as cooperativas, de todos os ramos, somaram mais de R\$ 4,9 bilhões e mais de 3,03 milhões associados.

No ramo agropecuário os números também cresceram. No mesmo período, o setor faturava R\$ 4,8 bilhões, montante que hoje passa de R\$ 34,4 bilhões. As 54 cooperativas agropecuárias catarinenses passaram de 60.305 associados para 73.667 e aumentaram os números de funcionários de 15.346 para 48.685.

Na Fecoagro (Federação das Cooperativas Agropecuárias de Santa Catarina) não foi diferente. Em 2006, a entidade já existia há 31 anos e atuava na centralização de compras, executava os programas do governo do Estado para auxílio

aos pequenos agricultores e mantinha seus programas de comunicação institucional para difusão do cooperativismo.

O início das atividades de processamento de fertilizantes da Fecoagro foi em 2004. Começou com 64 mil toneladas por ano e, hoje, produz mais de 400 mil toneladas. Os volumes e o faturamento cresceram e os fertilizantes da Fecoagro conquistaram o mercado catarinense. E o que é mais importante: com qualidade e devolvendo às cooperativas associadas, os resultados econômicos da atividade.

HISTÓRIA

Fundada em 25 de julho de 1975 a Fecoagro completou 46 anos de atividades. Formada por 11 cooperativas, congrega mais de 60 mil famílias que unem esforços, praticam a união e a intercooperação, objetivando melhor rentabilidade e competitividade de forma sustentável no mercado em que atua. A entidade atua na importação, processamento e comercialização de fertilizantes.



FOTOS DIVULGAÇÃO/ND

Entidade congrega hoje mais de 60 mil famílias que buscam melhor rentabilidade e competitividade de forma sustentável no mercado

Comunicação evoluiu

A área de comunicação também evoluiu nestes últimos 15 anos. Os programas de rádio ampliaram sua veiculação estando presente em mais de 70 emissoras. Foi criada a TV Coop, uma web TV da Fecoagro, que tem programação 24h com conteúdo próprio do setor de interesse da comunidade. Criou seu próprio programa de televisão, o "Cooperativismo em Notícias", que exibe semanalmente conteúdo inédito, e o "Resenha do Cooperativismo e Agronegócio".

Ampliou sua presença no digital disponibilizando conteúdo on-line por meio de sua newsletter diária e os episódios dos programas pelo YouTube. Também está presente nas principais redes sociais Facebook, Instagram e LinkedIn.

Com foco na produtividade e rentabilidade dos associados, a Fecoagro tem se dedicado à produção de fertilizantes especiais com tecnologias de ponta e matérias-primas selecionadas.



Área de atuação da Fecoagro em Santa Catarina

Tecnologia e inovação no futuro

Projetando a Fecoagro para o futuro, a tecnologia e a inovação continuarão sendo a mola propulsora que impulsionará o desenvolvimento de novos produtos e serviços. A integração, disponibilidade e usabilidade das informações serão aliadas nas tomadas de decisão. Marketing Place poderá impulsionar as vendas online das cooperativas.

Novas tecnologias nos fertilizantes deverão aumentar a produtividade de cereais, que são usados para produção de rações e transfor-

mação de proteína animal que alimenta os povos das nações. Robotização e automatização estarão cada vez mais acessíveis e presentes na agricultura facilitando o manejo e padronizando cada vez mais as atividades em busca de melhores resultados. A Fecoagro será guiada pelos avanços tecnológicos inerentes as suas áreas de atuação e buscará a inovação que possa contribuir com a qualidade de vida, a rentabilidade e a sustentabilidade das cooperativas e de seus associados.



Central de compras em Palmitos (acima) e indústria de fertilizantes

Publieditorial



Entrevista

Luiz Vicente Suzin, presidente da Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina

Ocesc planeja o futuro investindo na educação

Lorenzo Dornelles

lorenzo.dornelles@ndmais.com.br

O presidente da Ocesc (Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina), Luiz Vicente Suzin, iniciou a trajetória no cooperativismo por volta de 1975. Filho de associado, em 1983 foi eleito membro do Conselho Administrativo, passou a ser vice-presidente em 1987 e hoje ocupa o cargo máximo da organização.

Com tantas décadas acompanhando o movimento, Suzin enfatiza a referência do agronegócio dentro do cooperativismo catarinense e lembra da importância da atuação das frentes para captar e atrair jovens por meio da educação cooperativista.

Atualmente, o setor é responsável por 11% do PIB (Produto Interno Bruto). E o presidente da Ocesc garante que Santa Catarina vai colher frutos do que vem sendo plantado agora dentro do setor.



Qual a importância do cooperativismo para o Estado?

Eu vejo que o cooperativismo tem uma importância muito grande pelo seu trabalho e o desenvolvimento que as cooperativas promovem no Estado. Em Santa Catarina, mesmo no início da pandemia, tivemos um investimento muito alto. Foi mais de R\$ 1 milhão para esse crescimento que iniciou em 2020 - parte vai ser concluído neste ano e parte no ano que vem. Mais de R\$ 1 milhão que as cooperativas de diversos ramos, em especial do agropecuário, saúde, crédito, infraestrutura e transporte, tiveram oportunidade de investir.

Esses investimentos, com certeza, vão gerar muitos empregos em nossos municípios e também na agricultura. Isso vai fortalecer em muito o setor rural.

Quando o agro é forte, o Estado também é forte. E o cooperativismo tem uma intercooperação bastante grande em Santa Catarina em sete segmentos. Os principais que destaque são agro, saúde, crédito infraestrutura e transporte, mas há uma intercooperação em mais ramos porque entendemos que quando um cresce, todos crescem juntos.

E o cooperativismo em Santa Catarina, com certeza, representa muito para o crescimento do Estado. Observamos que nos municípios onde há uma cooperativa, o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) com certeza é mais forte, gera mais empregos, e isso é muito importante. Não só em nosso Estado, não. O cooperativismo é muito atuante e vem se desenvolvendo muito bem em todo o Brasil.

Santa Catarina é o Estado mais cooperativista do Brasil. Como chegamos nessa liderança?

É um trabalho que vem sendo feito ao longo dos anos, né. Por sermos um Estado pequeno em termos territoriais, ter mais de 3 milhões de associados é muito importante. Isso nos torna o Estado mais cooperativista do Brasil, graças ao trabalho que vem sendo feito, à capacitação de nossos dirigentes, dos trabalhadores e também chegando ao nosso associado. Então, esse conjunto de ações se dá em todos os níveis, ampliando o número de associados e cooperativas. Isso é muito importante.

Você falou de capacitação. De que forma ela impacta no crescimento do cooperativismo?

É a educação cooperativista



Cooperativa de fachada é quando o dono tem um agronegócio, monta uma cooperativa, paga umas 20 pessoas, forma uma cooperativa, mas o resultado fica todo para ele. Então, para essas cooperativas a Ocesc não dá registro. Elas estão denegrindo a imagem do cooperativismo de Santa Catarina.”



Para o futuro, vamos continuar investindo forte em cima da educação cooperativista, na capacitação da mulher cooperativista, do jovem cooperativista. Isso é muito importante.”

que a gente fala, né. Esse é o trabalho que está sendo feito. Estamos trabalhando agora em especial pelo jovem e pela mulher cooperativista. Nós temos mais de um milhão de mulheres associadas ao cooperativismo em SC, e isso vem nos fortalecendo. Com isso, temos também os programas com a juventude para tentar fixá-lo na atividade, dando sequência ao trabalho de gerações e preparando o futuro. Nossa vocação agrícola necessita de ações para fixar o jovem no campo, e é esse trabalho que está sendo feito. Também investimos no cooperativismo de crédito, saúde, infraestrutura, fazemos um trabalho bastante importante no transporte e nos demais ramos do cooperativismo, obtendo a união e a intercooperação que são a nossa marca.

O cooperativismo vem crescendo no Estado. Qual a tendência para o futuro?

Em 2020, mesmo na pandemia, crescemos mais de 25%, chegamos na casa de faturamento de R\$ 50 bilhões. Destes R\$ 50 bilhões, R\$ 34 bilhões são do setor do agro e os demais distribuídos entre os outros segmentos. Esse conjunto de ações é que faz com que Santa Catarina tenha um crescimento tão grande no cooperativismo.

Quais as estratégias para continuar crescendo?

O número de cooperados se faz com esse trabalho, com essa educação cooperativista, com essas capacitações. A gente vai capacitando e levando programas que incentivam todos os ramos em que nos destacamos. O foco mais forte aqui é o agro, que representa mais de 50% do faturamento, 65% do faturamento do cooperativismo dos valores vem do agro. Há uma sequência de crescimento os outros segmentos em função desse trabalho.

As pessoas podem formar cooperativas? Caso tenham interesse, qual o primeiro passo?

Para criar uma nova cooperativa em Santa Catarina precisa ser um associado, criar um estatuto, ir até a Jucesc (Junta Comercial) e depois pedir

filiação à Ocesc. Na organização, analisamos se ela realmente é uma cooperativa, se ela tem o intuito de ser uma cooperativa e, em caso positivo, fizemos o registro. Mas o interessado tem que mostrar realmente que é uma cooperativa, que tem o objetivo de se desenvolver junto com o associado, que vai distribuir renda, que mantenha as assembleias, um conselho de administração, e que realmente preste conta ao associado. Também que trabalhe junto capitalizando seu resultado. Em resumo, ela tem que ser uma cooperativa realmente cooperativa. Nós temos 251 cooperativas hoje ligadas à Ocesc, mas o número de cooperativas que não são ligadas à Ocesc é muito maior. Elas são o que intitulamos “cooperativa de fachada”, o que significa que a cooperativa tem um dono. Normalmente, este dono tem um agronegócio, monta uma cooperativa, paga umas 20 pessoas, forma uma cooperativa, mas o resultado fica todo para ele. Então, para essas cooperativas a Ocesc não dá registro. Elas estão denegrindo a imagem do cooperativismo de Santa Catarina.

O cooperativismo de fachada como funciona segue existindo?

Sim, porque quando chega na Junta Comercial recebe registro. Eles não analisam como será distribuída a renda e se é distribuída mesmo, e ela fica como cooperativa. Vai ter o mesmo benefício de outra cooperativa, só que perante à comunidade. Mas na prática, ela não distribui renda, por isso é intitulada como “cooperativa de fachada”, porque ela tem um dono, que vai beneficiar a ele próprio. Então, é isso que dá esse título.

O que pode ser feito para barrar esse problema?

Não se tem muito o que fazer, né. Como organização, nós só barramos o registro dessa cooperativa, porque se a Junta Comercial concede registro a ela como cooperativa, não temos muito o que fazer como organização, a não ser negar a associação à Ocesc.

Para registrar uma cooperativa é necessário ter um capital inicial?

Quais são os benefícios?

Sim, tem uma cota para o associado se associar à cooperativa. Essa cota inicial, que ele paga quando chega na cooperativa, já se torna um capital social. Depois, ele começa a movimentar com a cooperativa, compra de insumos ou venda de seus produtos, no caso uma cooperativa de crédito a movimentação nas contas, a conta corrente, empréstimos... aí começa a criar saldo dentro da cooperativa. E a cooperativa dá assistência técnica gratuitamente e na venda da produção. Quando a cooperativa encerra o exercício, faz a assembleia e se dá resultado a assembleia decide se vai capitalizar na conta do associado aquele resultado, que seria em torno de 30% de reservas, ou se vai pra conta do associado, ou parte distribui em recursos ao associado. Isso vale tanto as cooperativas de crédito, quanto as do agro. Então, são vários benefícios que o associado tem. Isso é muito importante. Santa Catarina tem um cooperativismo bem estruturado, que dá muito resultado para o associado. Consequentemente, a cooperativa só existe por causa do associado.

O que você enxerga para o futuro do cooperativismo em Santa Catarina?

É um futuro que vamos continuar preparando forte em cima da educação cooperativista. Porque a educação cooperativista vai trazer mais associados. Eu não vejo um município pequeno, um produtor de médio e pequeno porte, sem uma cooperativa que dê apoio a ele. Seja de qual ramo for, seja de crédito, saúde, transporte, as cooperativas do agro também... Ele tem toda a assistência técnica gratuita, então isso é muito importante, isso que dá o crescimento. Continua bastante forte nossa capacitação de colaboradores, mas o principal é o nosso associado. Fazemos um trabalho grande em cima do social, da mulher cooperativista, do jovem cooperativista. Isso é muito importante. É esse programa que vem dando certo no crescimento do cooperativismo de Santa Catarina.

O produtor alimenta o futuro.



FAESC | SENAR

Prontos para ajudá-lo a elevar a produtividade e garantir sustentabilidade ao seu **negócio rural**.

Acesse o nosso site sistemafaesc.com.br e nos acompanhe pelas redes sociais!

 @sistemafaescsenar

 @senarsc

 @faescsantacatarina

 (48) 3331-9700



Agronegócio, a locomotiva da economia brasileira

SC responde por mais de 70% das vendas internacionais, aponta Faesc

A pandemia do coronavírus atingiu também o universo rural brasileiro, onde vivem as comunidades agrícolas e prosperam as grandes cadeias produtivas da bovinocultura, avicultura, suinocultura, pecuária de leite, fruticultura, olericultura, lavouras de grãos, café, cana de açúcar, cacau etc. Essa extensa base produtiva alimenta a agroindústria, sendo um dos poucos setores de sucesso no mercado internacional. É a locomotiva da economia brasileira que sustenta crescentes recordes de exportações e assegura superávits na balança comercial, onde Santa Catarina responde por mais de 70% das vendas internacionais. O agronegócio responde ainda por 31% do PIB de Santa Catarina.

Para o presidente da Faesc (Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Santa Catarina), José Zeferino Pedroso, não há dúvidas de que o agro continuará puxando a economia brasileira como fazia antes da pandemia e como fez, de modo extraordinário, em 2020. Por isso, a entidade defende que o agronegócio, no campo e na cidade, deve acatar e cumprir as determinações do Ministério da Saúde, da Secretaria da Saúde do Estado e dos municípios, da



O agronegócio corresponde, atualmente, por 31% do PIB catarinense

Vigilância Sanitária e do Ministério da Agricultura, para poder continuar garantindo a segurança alimentar dos brasileiros. Entre as ações adotadas pelo setor pode-se citar o distanciamento social, uso de máscaras e maior rigor na higienização a redução das visitas do serviço de assistência técnica e extensão rural ao mínimo necessário, entre outras medidas. Na agroindústria, onde a matéria-prima produzida no campo é processada, os cuidados foram redobrados, aumentando a confiança no abate de animais, processamento e industrialização de carne. “Essas práticas devem se manter quando a pandemia for superada”, aponta Pedroso.

Avicultura mantém protagonismo no Estado e no Brasil



Suinocultura é um dos destaques do segmento em Santa Catarina



Desafios para o futuro no campo

A revolução do conhecimento também torna o campo mais eficiente. Por isso, no futuro próximo, será cada vez mais frequente o uso da inteligência artificial, do big data (estuda como tratar, analisar e organizar informações), das impressões 3D, da internet das coisas (uso de sensores para colher dados), blockchain (permite rastrear o envio e recebimento de dados pela internet), auto-

mação parcial, identificação e controle por radiofrequência (RFID), realidade aumentada, visão computacional, etc. “É notório que o emprego articulado dessas tecnologias tem impacto transformador nas cadeias produtivas. Mas a questão central é como viabilizar que o produtor, na condição de pequeno ou médio empresário rural, tenha acesso a todas essas tecnologias”, pondera.

“É necessário pensar em novas formas de financiamento e, ao mesmo tempo, ampliar os canais de transferência de conhecimento entre a universidade pública e o agronegócio”. Outro ponto essencial é qualificar o usuário final – o produtor/empresário rural – para o uso adequado das tecnologias disponíveis e acessíveis. “Essa deve ser uma prioridade dos formuladores de políticas para

o agro. Nesse aspecto, o Sistema S tem sido pródigo na criação e oferta de produtos para formação, qualificação e requalificação profissional”, diz Pedroso. Por fim, outro desafio é garantir internet de boa qualidade para o desenvolvimento das regiões agrícolas, sem a qual o produtor não terá acesso ao conhecimento científico – seja na forma de tecnologia ou de cursos de capacitação.

A tecnologia como propulsora do desenvolvimento

O presidente da entidade destaca a importância do desenvolvimento científico e do emprego de tecnologia, que se reflete na melhoria da sanidade e no aumento da produtividade, da produção e da qualidade nas áreas da agricultura, da pecuária, da piscicultura, da silvicultura e do extrativismo, entre outros. A liderança que o Brasil conquistou mundialmente decorreu da associação entre recursos naturais (solo, água, clima) com recursos humanos e uso de tecnologia, sendo que o principal desses fatores é e será a tecnologia. “A tecnologia empregada no campo vem de várias fontes, como as universidades e os centros de pesquisas públicos e privados. Empresas privadas de setores avançados, como a avicultura, suinocultura e os cereais, têm investido em anos de pesquisas, o que permitiu oferecer produtos de vanguarda. E as novas tecnologias permitem ao produtor um maior controle sobre a produção, otimização dos recursos da propriedade e aumento da lucratividade”, afirma Pedroso.

CNA/DIVULGAÇÃO/ND



José Zeferino Pedroso é presidente da Faesc/Senar-SC

Publeditorial

Praça no espaço antes abandonado de caixa de água da Casan no Monte Serrat, segundo Anita, um dos visuais mais privilegiados da Capital



Entrevista Anita Pires, presidente do FloripAmanhã

“A gente só pode ser livre juntos”



A gente tem que ter a capacidade de motivar as pessoas e de fazer com que entendam que só vamos encontrar soluções se estivermos cooperando e coproduzindo. A solução das grandes transformações que o mundo precisa não vem individualmente. Só chegará onde houver capacidade de cooperação, generosidade, de humildade. Temos que ter um olhar inteligente para o mundo e para as pessoas.”

A presidente do FloripAmanhã, Anita Pires, destacou em entrevista ao ND a força do associativismo no mundo atual, e como o trabalho é feito em Florianópolis. Membro da Academia Brasileira de Eventos e Turismo e uma referência do assunto na cidade, ela reforça que a necessidade de união é cada vez maior e aponta as novas tendências do mundo moderno. “Não significamos nada se não estivermos conectados ao nosso mundo.”



Qual a importância do associativismo para cuidar de uma cidade?

A FloripAmanhã é uma organização no terceiro setor, criada com o objetivo de ser um laboratório que capta a inteligência das universidades, das instituições, das pessoas, para pensar em uma cidade com qualidade de vida. Sabemos que a maior parte das cidades estão vivendo crises muito grandes nesse sentido. E aí, como podemos motivar as pessoas para que entendam que a cidade é nossa, é delas, e não é do prefeito? O prefeito é nosso gestor

que a gente eleger para nos ajudar a cuidar da cidade. Tínhamos que encontrar uma forma de motivar as pessoas, orientar para separar seu lixo, cuidar da sua calçada, do espaço público, zelar pela sua segurança, e por aí vai. E essa sempre foi uma luta muito grande porque, principalmente no Brasil, não temos esta cultura. A Europa, que já sofreu e vivenciou tantas guerras, tem. O Japão é outro exemplo. Eles pensam de forma coletiva, mas nós ainda olhamos só para o nosso umbigo. Então, tivemos que pensar juntos, encontrar ferramentas que nos permitisse conversar com as pessoas e com as entidades.

Como o FloripAmanhã consegue dar atenção a todos os setores?

Nos especializamos. Nossa expertise hoje é reunir entidades, pessoas – isso é muito rico e não uma coisa individual, é construída coletivamente. O que procuramos fazer é criar sinergia entre pessoas, entidades, associações, para que juntos possam fazer as transformações necessárias. Hoje, a nossa demanda chega a perguntas como ‘onde que

vou castrar o meu gato?’, como se a gente tivesse essas soluções todas.

E tem resultados concretos?

Cito exemplo recente, uma experiência muito interessante com agricultores da região. Quando Florianópolis recebeu a chancela da Unesco de cidade criativa, há exigências que a gente assinou e de quatro em quatro anos eles verificam se estamos fazendo aquilo. No caso da gastronomia, é uma cadeia produtiva, que nasce lá na lavoura, nos pequenos agricultores, faz todo um trajeto e chega à mesa do restaurante. Antigamente, os restaurantes compravam só do Ceasa de São Paulo, que percorria 500 km para chegar ao nosso Ceasa. A Unesco definiu que a busca de insumos não deve estar a mais de 100 km do destino, evitando a mobilidade, poluição, logística... Então, agora estamos construindo a rede dos pequenos agricultores e a logística de como pode ser feita a distribuição desses produtos. O restaurante vai levar as demandas ao produtor; o IFSC faz um trabalho de recuperação de temperos, fazeres antigos... Então, nosso papel



“**Fizemos uma campanha de cesta de alimentos que deu milhares de cestas para organizações e a prefeitura, no caso da Rede Somar. O setor empresarial, que muitas vezes só visava lucro, percebeu também que tinha que abrir mão, apesar do setor estar parado, e buscar o que tinha guardadinho de lucro para socorrer as pessoas.**”

“**A academia tinha que produzir para a sociedade, que não pode utilizar dinheiro público para fazer pesquisa. A coisa tem que ser o contrário: olhar para sociedade e para as suas necessidades e, a partir disso, trabalhar os recursos humanos que estarão a serviço da sociedade.**”

é criar a sinergia. Depois que a rede está formada, caímos fora.

Que exemplos de uniões fazem a diferença?

Uma das grandes dificuldades foi criar um canal entre todas as entidades da cidade, para que pensassem juntas. Mas a pandemia, a maioria já percebeu que a gente tem que trabalhar juntos, e que as vaidades têm que ser colocadas de lado. Tivemos outro exemplo muito interessante, há sete anos, em relação à chancela da rede mundial de cidades criativas. A gente precisava muito das universidades, porque o tema é gastronomia, vinculado a outros campos criativos. Quando você fala em gastronomia, fala em design, em produtos, em agricultores, pesquisa. E as universidades, em vez de estarem juntas, estavam brigando sobre assuntos de ordem conceitual. Ficamos um ano com elas, e você nem imagina como é estimulante. Hoje, elas cooperam, fazem pesquisa juntas, repassam subsídios, insumos.

Surgiram outros movimentos?

Outro exemplo é o movimento Floripa Sustentável, que junta todas as entidades para pensar e tentar superar as dificuldades que a cidade tem, de desemprego, miséria, fome, falta de habitação, oportunidade dos jovens para acessarem os estudos, enfim. É aquela velha história que escutávamos dos nossos avós: ‘duas, três cabeças pensam melhor que uma’. Criamos também a Rede de Economia Criativa de Florianópolis. A economia criativa é a que mais cresce no mundo, e a que mais gera postos de trabalho e receita, com menos necessidade de infraestrutura, como o cinema, moda, arquitetura, design e o carnaval. Chamamos todas as entidades e os grupos que trabalham nessas áreas, para descobrir qual o cenário de Florianópolis, que tem talento muito forte para a economia criativa, com um povo que gosta de inovação, que ousa. Estamos já fazendo eventos com outras cidades, com a rede de cidades criativas da Unesco – que no Brasil são dez.

Qual o impacto da pandemia no associativismo?

Foi um aprendizado e um remédio muito amargo, mas acelerou a capacidade das pessoas de perceberem que sozinhas não vão resolver nada. Ninguém sozinho nesse planeta vai construir qualquer coisa nova. A busca da vacina, o mundo inteiro, as universidades, os cientistas, todos correndo atrás

de vacina de forma conjunta é um exemplo maravilhoso. Em Florianópolis, o que a gente percebeu? Primeiro, o setor empresarial, principalmente as organizações do terceiro setor. Alguém tinha que correr para acudir as pessoas que ficaram desempregadas, que viviam de biscoito, pois ficaram sem nada. Então, começamos a trabalhar com o setor empresarial, da indústria, com quem tinha dinheiro. Para fazer o quê? Em primeiro lugar, cestas de alimentos e de material de higiene, desde máscara, escova de dente, pasta dental e alimentação. Teve uma participação muito grande.

As pessoas ficaram mais sensíveis?

A gente nunca viveu uma crise dessas. Acredito – não sei se é otimismo demais – que sim, que as pessoas ficaram mexidas. Hoje, os princípios ambientais e sociais estão mais incluídos nas empresas. Isso quer dizer que o capitalismo está mudando, que a questão do lucro da empresa não pode ser só para quem é sócio, para quem é dono. A empresa tem compromisso social, e tem que incluir na sua relação uma outra forma de trabalhar, e de devolver para quem trabalha o que ela produz. Todas as guerras e pragas que o mundo viveu foram uma fonte de inspiração para coisas novas, e como isso aconteceu no auge da inovação e da tecnologia, já estamos percebendo quanta coisa está sendo criada pelas academias, pelos pesquisadores, pelas entidades, desse novo olhar para o mundo. Não existe construção de democracia, de sociedade sozinha. Não significamos nada se não estivermos conectados ao nosso mundo.

Quais são as tendências daqui pra frente?

Se de um lado tivemos grandes iniciativas globais, hoje essas questões não são mais tão importantes. O que é importante é a gente voltar para a cidade, para o pequeno agricultor, as pequenas lojinhas de bairro, dar força para que ressuscite na nossa cidade, no nosso país, pequenas iniciativas de cooperação. Os sindicatos, que foram muito fortes, mas que morreram, até por corrupção, hoje estão dando lugar às grandes redes, construção de pontes, de pactos.

Como a polarização atrapalha o associativismo?

É muito contraditório. Quando temos as redes sociais, que deveriam ser o nosso grande canal de construção coletiva, e é, existe

outra coisa – não só no Brasil, mas também no exterior –, da divisão, que não é nem mais entre direita e esquerda. São questões de políticas ideológicas, que não nos unem. Percebo que o que acontece na rede social não é você expor seu ponto de vista, e eu colaborar com aquilo que penso, ou respeitosamente discordar de você. O que ocorre é que um quer impor as ideias do presidente, outro quer impor ideias da extrema esquerda, outro da extrema direita, e isso vira uma guerra, que não faz bem pra ninguém. Não constrói e dá um péssimo exemplo para as gerações que estão chegando. Temos que derrubar muros de desrespeitos e preconceito, péssimos para construir uma sociedade mais feliz e igualitária.

Quais os próximos planos do “Adote uma praça”?

O Adote uma Praça é um dos nossos programas mais legais. Florianópolis estava em uma situação em que as praças públicas tinham sido tomadas pelo tráfego, por moradores de rua... e aí começamos a conversar com a prefeitura. Precisávamos ter uma legislação que permitisse ao empresário investir o seu lucro com alguns benefícios. E isso começou, é um trabalho maravilhoso. O FloripAmanhã trabalha em conjunto com a prefeitura e com os empresários, e trabalhamos pela manutenção dessas praças e na busca de empresas ou organizações que queiram investir. Sugiro que quem quer passear, fazer algo diferente em um domingo, que vá lá no Monte Serrat para ver a praça construída onde era um depósito de água da antiga Casan. Era um local abandonado, cheio de mato. Com a comunidade e as associações, conseguimos primeiro trazer o espaço da Casan para a prefeitura, em uma articulação que leva meses, anos. Quando a prefeitura recebeu essa propriedade, trabalhamos pela adoção. Hoje é uma praça construída e mantida pela WOA e pela comunidade. Ficou muito linda, a vista mais bonita da cidade é lá daquela praça. Conseguimos recentemente a adoção de um espaço que vai ser um parque maior que o de Coqueiros, lá na frente da Marinha. Já está com um projeto pronto. É uma parte do Estreito que está muito abandonada. E agora, o Sebrae e o FloripAmanhã criaram um movimento chamado Estreitar, que é o Distrito Criativo do Estreito, para acelerar o desenvolvimento dessa região linda, que temos que valorizar.

Onde tem planos para o futuro tem uma CDL por perto.

É nos momentos de maior desafio que o associativismo mostra a sua força. Nos últimos dois anos, a união, o suporte e a representatividade foram fundamentais para encarar e sobreviver à crise imposta pela pandemia. É olhando para o futuro que a FCDL Santa Catarina trabalha, há 49 anos, pelo comércio catarinense. Junte sua força aos mais de 40 mil associados em SC.

Procure a CDL mais perto de você e associe-se.



FCDL/SC é referência nacional em associativismo por adesão voluntária

Federação das CDLs de Santa Catarina investe em tecnologia e capacitação para aprimorar, cada vez mais, o serviço prestado aos associados e à sociedade catarinense

“Na trajetória da entidade nos últimos 15 anos, se destacam os investimentos em treinamento, capacitação, formação dos lojistas e de seus colaboradores.”

Ivan Roberto Tauffer,
presidente da
FCDL/SC

Nas últimas três décadas a FCDL/SC (Federação das Câmaras de Dirigentes Lojistas de Santa Catarina) vem evoluindo no seu papel de prestar o melhor serviço às CDLs e associados. Em decorrência deste compromisso realizado com muita dedicação e empenho, a representatividade da FCDL/SC deu um grande salto, chegando ao ano de 2021 com 210 Câmaras de Dirigentes Lojistas e 28 Núcleos afiliados que, somados, reúnem 43 mil associados e atendem todo o Estado.

O presidente da entidade, Ivan Roberto Tauffer, destaca que, nos últimos 15 anos, cresceu substancialmente a disponibilidade de produtos, assessorias e engajamento da federação em campanhas comunitárias e socioambientais, como é o caso dos Programas Recicla CDL e CDL na Escola. “Nesta trajetória se destacaram ainda os investimentos em treinamento, capacitação, e formação dos lojistas e de seus



FOTOS DIVULGAÇÃO/ND

FCDL/SC chega em 2021 com 43 mil associados e cresce em assessorias e produtos oferecidos

colaboradores”, afirma.

Ele enfatiza ainda que, devido à necessidade de agilizar o atendimento das Câmaras de Dirigentes Lojistas e associados, foi desenvolvido pela FCDL/SC um sistema próprio, além da implantação de melhorias, acompanhadas de hardwares e softwares, que

colocam a federação numa situação diferenciada em relação ao restante do país.

“Somos uma referência nacional em termos de associativismo por adesão voluntária. Da mesma forma, nos últimos anos, aumentou a presença da entidade em diversos órgãos

colegiados e representativos e também a participação ativa no acompanhamento de projetos e nas reuniões da Frente Parlamentar de Apoio ao Comércio Varejista da Alesc”, lembra ele.

A FCDL/SC também intensificou e melhorou as funcionalidades do SPC Crediário.

Contribuições para o segmento

Tauffer avalia que, dos 49 anos de história da FCDL/SC, 2020 pode ter sido o período mais desafiador. “Isso justamente pelas consequências da pandemia e por estes reflexos afetarem principalmente os micros e pequenos empreendedores do varejo, que são mais de 95% dos associados. Isso consolidou o posicionamento estratégico, criando produtos e serviços com foco exclusivo neste perfil de empresas, as quais sem dúvida são a que mais necessitam de apoio”, explica.

O presidente da FCDL/SC lembra ainda que para que os pequenos lojistas pudessem fazer frente às grandes magazines, a federação criou o QCompras.com.br, um marketplace completo e gratuito, no qual qualquer empresa pode ter a sua loja virtual de maneira rápida e fácil.

Continuidade das ações

Os projetos da entidade também terão continuidade nos próximos 15 anos, diz Tauffer. “Para as próximas décadas, a federação pretende dar continuidade aos projetos e planos elaborados hoje. “A intenção é dar continuidade ao que federação já vem fazendo, em sintonia com os propósitos do associativismo, sempre oferecendo o que há de melhor para a CDLs e os associados, além de criar e consolidar soluções direcionadas aos pequenos e médios negócios do comércio local”, esclarece o presidente da FCDL/SC.



Posicionamento na pandemia para auxiliar os lojistas



Campanhas da federação para fomentar o varejo local

Mudanças no comércio para o futuro

Segundo Ivan Tauffer, as mudanças ocorridas pelos desafios trazidos para o setor pela pandemia de Covid-19 serão absorvidas pelo comércio no futuro. “Com as lojas físicas de portas fechadas nas primeiras semanas da pandemia em 2020, bem como as alterações nos decretos estaduais nos últimos meses, o comércio catarinense reinventou-se. E-commerce, vendas pelo WhatsApp, Instagram, utilização dos serviços de tele-entrega, são apenas alguns dos exemplos”, cita ele. “Acreditamos que o comér-

cio abraçará cada vez mais a tecnologia e o digital, sem esquecer o toque humano na hora de vender. A busca por um atendimento de excelência e a atenção no pós-venda são questões sempre em alta e que estarão cada vez mais presentes no futuro do comércio”, avalia o presidente.

Quanto ao associativismo, ele afirma que a CDL pretende estar lado a lado com o futuro em termos de atualização e modernidade, sempre buscando o toque humanizado em suas atribuições e atendendo as necessidades das pessoas.

Proteína animal: desafios e conquistas!



SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE
CARNES E DERIVADOS DO
ESTADO DE SANTA CATARINA



ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE AVICULTURA

- ✓ Mais de **60 mil** empregos diretos
- ✓ Mais de **480 mil** empregos indiretos
- ✓ Produz **3 milhões** de aves/dia
- ✓ Produz **34 mil** suínos/dia
- ✓ Representa **31%** do PIB de SC
- ✓ Responde por **70%** de toda a exportação de SC
- ✓ Exporta para mais de **190** países
- ✓ SC **lidera** a produção e exportação de carne suína do Brasil
- ✓ SC ocupa o **2º** lugar na produção e é o maior exportador de aves do País

As cadeias produtivas da avicultura e da suinocultura catarinense situam-se entre as mais avançadas do planeta e mantiveram os índices positivos da economia de Santa Catarina durante a pandemia.

A indústria da proteína animal é sustentável, moderna, com foco em sanidade e respeito ao meio ambiente, gerando riqueza e milhares de empregos.

Foco no crescimento do Brasil no setor de proteína animal!



Avicultura e suinocultura atuam para manter a liderança no país

Responsáveis por 31% do PIB de SC, com produção de 3 milhões de aves e 34 mil suínos por dia, setores liderados pelo Sindicarne e Acav são referência na geração de empregos e qualidade no Brasil e no exterior

Mais de 60 mil empregos diretos, 480 mil indiretos e 31% do PIB (Produto Interno Bruto) de Santa Catarina. Os números grandiosos correspondem aos setores de avicultura e suinocultura do Estado catarinense. E não param por aí. No mês em que o jornal ND completa 15 anos, o setor também já tem seus objetivos traçados para a próxima década: manter o grande volume de produção e exportação, com referência na qualidade e equilíbrio frente à alta dos custos externos.

Classificadas como uma das mais avançadas do planeta, essas cadeias produtivas tiveram papel crucial nos índices positivos da economia do Estado durante a pandemia. E por trás delas estão o Sindicarne (Sindicato das Indústrias da Carne e Derivados no Estado de Santa Catarina) e a Acav (Associação Catarinense de Avicultura).

As duas entidades atuam para unir, desenvolver e ampliar a presença nacional e internacional do Brasil no setor de proteína animal.

MB COMUNICAÇÃO/DIVULGAÇÃO/ND



As duas atividades são responsáveis por mais de 60 mil empregos diretos e 480 mil postos de trabalho indiretos em Santa Catarina

Liderança no Brasil

Mesmo em meio à pandemia, o agronegócio catarinense quebrou recorde histórico de 1997: em março, embarcou 55,7 mil toneladas de carne suína, faturando US\$ 138,4 milhões. O setor no Estado segue como líder da produção e exportação no Brasil, mesmo com os incentivos da União para outros estados. Entre os principais destinos está a China, com incremento de 53,6% em divisas.

O presidente do Sindicarne, José Antônio Ribas Júnior, destaca que, para manter os atuais 30 mil suínos abatidos diariamente, há uma base produtiva formada por mais de 3,9 milhões de animais alojados em campo. Essa cadeia é operada por aproximadamente 6.000 integrantes, cooperados e produtores independentes.

UQ DESIGN/DIVULGAÇÃO/ND



José Ribas Júnior, presidente do Sindicarne

SC é área livre de febre aftosa e peste suína clássica

Em maio, Santa Catarina comemorou duas importantes marcas: 14 anos como zona livre de febre aftosa sem vacinação, reconhecida pela OIE (Organização Mundial de Saúde Animal); e seis anos de zona livre de peste suína clássica (PSC).

Com esse status sanitário, o Estado se tornou o maior produtor nacional de suínos, o segundo maior produtor de aves, e o quarto maior produtor de leite, com acesso aos mercados mais exigentes e competitivos do mundo. “Somos relativamente pequenos em território, mas grandes na produção. Não à toa somos líderes na exporta-

ção de frangos e de suínos”, comemora o presidente do Sindicarne.

De acordo com Ribas, as conquistas são resultado de um trabalho sério, resiliente e competente de toda a cadeia produtiva de aves e suínos de Santa Catarina, junto com os órgãos oficiais de governo, produtores, agroindústrias, cooperativas e agências de gestão sanitária. “Muitas mãos trabalharam de maneira organizada e sinérgica para conquistar essa liderança de exportação, atendendo mais de 150 países e sendo relevante também na produção nacional”, reforça o dirigente.

Relevância das duas atividades na economia

Com um crescimento superior aos 35% em 2020 – em comparação ao ano anterior –, o volume de exportação de carne suína foi de mais de US\$ 1,3 bilhão. Esse crescimento, conforme o presidente do Sindicarne, se deve a quatro fatores: produtores competentes, sanidade, nutrição e genética.

O presidente da Acav, Ricardo Castellar de Faria, por sua

vez, ressalta o trabalho na área de sanidade, que tem como resultado uma proteína com alta qualidade e custo competitivo.

“As abordagens das temáticas têm relevância em face do papel da avicultura na geração de alimento e na manutenção de empregos, dando segurança alimentar no difícil cenário atual provocado pela pandemia”, diz.

DESEMPENHO

NÚMEROS DA AVICULTURA E SUINOCULTURA EM SC

- ✔ Mais de 60 mil empregos diretos
- ✔ Mais de 480 mil empregos indiretos
- ✔ Produz 3 milhões de aves/dia e 34 mil suínos/dia
- ✔ Representa 31% do PIB de SC
- ✔ Responde por 70% de toda a exportação de SC
- ✔ Exporta para mais de 150 países
- ✔ SC lidera a produção e exportação de carne suína do Brasil
- ✔ SC ocupa o 2º lugar na produção e é o maior exportador de aves do país

RESULTADOS DE 2020

- ✔ Mais de 30 mil suínos abatidos por dia
- ✔ Mais de 3.900.000 animais alojados em campo
- ✔ Primeiro produtor e exportador de carne suína no Brasil
- ✔ Aproximadamente 6 mil integrados, cooperados e produtores independentes apenas nesta cadeia
- ✔ Em 2020, crescimento superior aos 35% em comparação com 2019, com volume exportado superior aos US\$ 1,3 bilhões

DIVULGAÇÃO/ND



Ricardo Castellar de Faria, presidente da Acav



As melhores oportunidades de compras estão aqui!



Chapecó é o centro de compras do grande oeste catarinense. Aqui, os lojistas estão preocupados em surpreender e encantar os clientes. Eles contam com a força da **CDL Chapecó**.

CDL, os caminhos do comércio em Chapecó

Fundada há 52 anos, a Câmara de Dirigentes Lojistas do município conta com cerca de 1.700 associados e tem como missão estimular o desenvolvimento do setor, ajudando a expandir a economia local

FOTOS CDL/DIVULGAÇÃO/ND

No decorrer de mais de meio século, a CDL (Câmara de Dirigentes Lojistas) de Chapecó tem ajudado os lojistas a se manterem informados e atualizados, atentos à qualidade do serviço, às condições do estabelecimento e à mercadoria que vendem, buscando sempre a modernização. Por isso, a trajetória da CDL também é marcada pela intensa informatização, que hoje facilita milhares de informações e consultas que anteriormente dependiam de um banco de dados formado por fichas cadastrais em papel.

O primeiro computador, adquirido em 1988, foi substituído por equipamentos mais potentes em 1996, preparando Chapecó para atuar como polo integrador das praças de Maravilha, Pinhalzinho, Modelo, Palmitos, Nova Erechim, Xanxerê, Caibi, Faxinal dos Guedes e São Domingos. Desde maio de 2001, o SPC (Sistema de Proteção ao Crédito) está interligado ao SPC Nacional, proporcionando mais abrangência nas consultas dos associados e mais segurança às operações comerciais, por meio de um banco de dados que permite verificar a conduta comercial de consumidores.

CURSOS

Além das consultas ao SPC, a entidade oferece todos os meses cursos voltados ao desenvolvimento do setor, além de serviços como Personal Card, CDL Phone, XML Lojista, Certificação Digital, CDL Empregos, Calculadora Lojista, Controle de Crediário e locação de espaços para eventos na sede inaugurada em 2008.

Entre os valores da CDL estão a inovação, a competitividade para estimular o setor varejista para a qualificação e profissionalização e a responsabilidade social, contribuindo para uma sociedade justa e um ambiente saudável. E é nesse DNA que a entidade se apoia para vencer a crise da pandemia e seguir em frente nos próximos anos.



Em uma trajetória de mais de meio século, a CDL de Chapecó tem ajudado os lojistas a se manterem atualizados, atentos à qualidade do serviço, às condições do estabelecimento e à mercadoria que vendem, buscando sempre a modernização



E em 15 anos.. qual será o cenário?

Para o presidente da CDL Chapecó, Clóvis Afonso Spohr, pensar o comércio para daqui a 15 anos é praticamente impossível, dado o contexto da pandemia nos últimos 18 meses. “Se retornarmos ao final de 2019, a expectativa na época era de retomada da economia, com uma tendência de crescimento ao longo de 2020 muito acima dos anos de 2018 e de 2019, considerando os diversos canais de vendas”, relembra.

“Porém, chegamos em março de 2020 e tudo mudou radicalmente. Determinados setores cresceram exponencialmente, enquanto outros quase foram extintos ou estão agonizando até o momento. O que é certo é que o comportamento do consumidor mudou drasticamente e temos diferentes gerações de consumidores que precisam ser alcançados pelo nosso comércio”, afirma Spohr.

“O modelo híbrido de vendas (virtual e físico) é uma realidade e não se pode mais pensar em um único modelo de negócio, mas em diferentes canais de

vendas, que possam atingir diferentes gerações de consumidores”, pondera.

Outro aspecto apontado como fundamental é em relação às formas de pagamento. “Opções como PIX ou mesmo pagamentos via aplicativos, que há seis meses praticamente inexistiam, hoje estão se tornando uma das formas mais utilizadas nas relações de consumo”.

ACESSO AO CRÉDITO

Outro processo que deve passar por alterações é o de acesso ao crédito, principalmente em relação ao “Cadastro Positivo”. Na opinião do presidente da CDL, essa variável de análise de crédito, presente principalmente na Europa e USA, aos poucos começa a ganhar força na realidade brasileira e vai privilegiar aqueles que possuem um longo e bom histórico de pagamentos em compras a prazo e contas recorrentes. Dessa forma, esses perfis terão acesso diferenciado e vantajoso na aquisição de créditos ou mesmo em negociações de compras a prazo.

A década deverá ser marcada pelo avanço tecnológico e pela necessidade de adaptação dos atuais players do mercado. “Estamos vendo grandes redes de lojas físicas migrarem quase que integralmente para o virtual, enquanto gigantescas empresas virtuais estão evoluindo para a experiência de loja física ou híbrida. O estabelecimento físico está se tornando muitas vezes um local de teste de produto, mas a compra efetiva pode não ocorrer no mesmo estabelecimento, vai depender do perfil e estágio de cada consumidor”, diz ele.

“A verdade é que as empresas do comércio precisam compreender que os seus negócios necessitam de constante adaptação e essa realidade será tão comum, que daqui 15 ou 20 anos, teremos mudado sem mesmo percebermos ou termos planejado. Ou nós conhecemos algum especialista que pudesse prever há dois anos todas as mudanças que estão ocorrendo hoje?”, finaliza Spohr.

AMPE METROPOLITANA + ND

PARCERIA DE TRABALHO E BOAS NOTÍCIAS PARA OS EMPREENDEDORES

A Ampe Metropolitana tem participado ativamente da história do jornal Notícias do Dia com muitas ações positivas para as micro e pequenas empresas e microempreendedores individuais da

região. Com orgulho, muitas delas mereceram destaque no noticiário deste importante veículo de comunicação, que tanto contribui para a boa informação da sociedade e para o desenvolvimento de

nossa terra. Para comemorar esta parceria vitoriosa, lembramos 11 pontos que marcaram os 11 anos da Ampe Metropolitana, comemorados este ano. **PARABÊNS ND POR SEUS 15 ANOS!**

| 2012

MANIFESTOS EM APOIO ÀS MPES E MEIS.

Desde 2012, a Ampe Metropolitana apresenta um manifesto com sugestões de políticas públicas aos candidatos a prefeito da região. O Juro Zero Florianópolis é um exemplo de conquista desta iniciativa. Nos últimos anos, a entidade ampliou esta ação, encaminhando as propostas para os eleitos não só do Executivo, mas também do Legislativo de cada um dos 22 municípios.

| 2013/2014

LUTA CONTRA O AUMENTO ABUSIVO DO IPTU EM FLORIANÓPOLIS.

Em 2013, a prefeitura de Florianópolis preparou um projeto para aumentar as alíquotas do IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) e do ITBI (Imposto de Transmissão de Bens Imóveis), que teriam forte impacto na sociedade. A Ampe Metropolitana foi protagonista deste que foi um dos maiores movimentos empresariais da cidade. Como resultado, o Tribunal de Justiça reconheceu o erro na Lei sobre o IPTU.

| 2016

FESTIVAIS CERVEJEIROS E ROTA TURÍSTICA CAMINHO CERVEJEIRO.

A Ampe Metropolitana esteve à frente da criação de diversos festivais de cerveja na região, além do Caminho Cervejeiro Grande Florianópolis, ao lado União Cervejeira - Associação de Cervejarias Artesanais da Região Metropolitana de Florianópolis, com apoio do Sebrae. O Caminho Cervejeiro é uma rota turística com o objetivo de diversificar o turismo e estimular o crescimento dos produtores da bebida. A entidade possui ainda seu Núcleo Cervejeiro para organizar as atividades das premiadas cervejarias locais.

| 2017

JURO ZERO FLORIPÁ

O Juro Zero Florianópolis nasceu a partir de uma proposta da Carta da Ampe Metropolitana. Lançado em agosto de 2017, o programa concede empréstimos sem juros para MEIs e microempresas. Por iniciativa do presidente da Ampe Metropolitana, Piter Santana, o programa foi levado ao governo federal para ser transformado em um projeto para todo o país.

| 2017/2018/2019

CIRCUITO AMPE

Iniciado em 2018, é um programa gratuito de capacitação em gestão para micro e

pequenas empresas e MEIs. Atualmente, está em versão on-line com um Circuito de Lives que a entidade realiza em parceria com Performance de Excelência e apoio do SICCOB Euro Vale.

| 2018/2019/2020

SEMANA DO CRÉDITO

A Ampe Metropolitana foi a organizadora da Semana do Crédito, iniciativa do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. No evento, micro e pequenas empresas da indústria, comércio e serviços que buscavam novos valores de crédito e regularizar a sua situação em empréstimos e impostos atrasados tiveram uma excelente oportunidade para negociação.

| 2018

EMPREENDA!

Com destaque para a palestra com o economista Luis Ewald, o Sr. Dinheiro, do programa Fantástico, o evento "Empreenda!" reuniu mais de 800 empreendedores. Atividades de capacitação, relacionamento e lazer fizeram parte da programação. A realização da Ampe Metropolitana teve apoio do Sebrae e da Fampesc para marcar o Dia Nacional das Micro e Pequenas Empresas.

| 2020/2021

CRÉDITO ESTADUAL COM PROPOSTAS DE APOIO PARA MEIS E MPES

Para proteger os pequenos negócios em caso de medidas mais rigorosas contra a pandemia, a Ampe Metropolitana levou ao governo do estado a proposta Juro Zero Pró-Economia, inspirado no Juro Zero Florianópolis. A sugestão inspirou o programa SC Mais Renda Empresarial, que este ano foi colocado em prática para beneficiar os empreendedores.

| 2012 A 2021

PROPOSTAS DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Além de encaminhar propostas de políticas públicas a candidatos e eleitos na região, a Ampe Metropolitana tem realizado inúmeras reuniões com parlamentares municipais, estaduais e federais, além de secretários da área de desenvolvimento econômico. No plano nacional, a entidade é ativa em fóruns do Congresso e do governo federal, sempre em defesa do tratamento favorecido e diferenciado ao segmento. O trabalho da entidade é uma referência para diversas regiões do país e até ultrapassou a fronteira nacional, servindo de exemplo para a região de Mouanko, em Camarões (África).

| 2019/2020

SEMANA MPE/LIVE AMPE

Palestras gratuitas de capacitação aos empreendedores fizeram parte da Semana MPE, entre setembro e outubro de 2019, em Florianópolis, São José, Tijucas e Biguaçu. A organização da Ampe Metropolitana e Universidade do Vale do Itajaí (Univali) teve apoio do Sebrae/SC e Sescori Grande Florianópolis. Com as restrições da pandemia do Covid-19, o evento foi realizado de forma virtual em 2020, inclusive ampliando o público beneficiado.

| 2021

CARTA DE REIVINDICAÇÕES AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

A Ampe Metropolitana entregou uma série de reivindicações ao presidente Jair Bolsonaro, durante sua visita a Joinville, no último dia 6. Com apoio da Fampesc, pedimos: retorno do termo "serviços" na lei para compras públicas; revisão da cobrança de 20% de Imposto de Renda sobre dividendos; Programa Juro Zero Nacional; volta do horário de verão; melhorias no Simples Nacional, incluindo ampliações de teto; parcelamento das dívidas com a União e estados em até 120 meses; publicação do Plano Nacional de Desenvolvimento e Apoio às Micro e Pequenas Empresas; inclusão na Constituição da necessidade dos governos municipais terem em sua estrutura uma pasta voltada ao Desenvolvimento Econômico Local.



Associação Metropolitana de Micro e Pequenas Empresas

AMPE METROPOLITANA

A Ampe Metropolitana é a única entidade exclusiva das micro e pequenas empresas e MEIs da região. São 100 mil MEIs, 80 mil micro e pequenas empresas e 12 mil empresas de pequeno porte, que representam 98% de todas as empresas da região metropolitana. Em Santa Catarina, os pequenos negócios são responsáveis por 54% dos empregos formais e por 41% do PIB.

Nosso compromisso é ampliar as ações que tornarão ainda mais sólidos nossos pilares de benefícios, capacitação, gestão, relacionamento e representatividade.

ASSOCIE-SE À AMPE METROPOLITANA, A ASSOCIAÇÃO PARCEIRA DO EMPREENDEDOR.

Nova sede da AEMFLO traduz representatividade do empresário

Sonho antigo dos empresários da Grande Florianópolis, edifício foi construído com muito planejamento e dedicação

FOTOS DIVULGAÇÃO/ND

Com mais de 4.000 empresas associadas e 37 anos de trajetória, a AEMFLO (Associação Empresarial da Região Metropolitana de Florianópolis) é um reflexo da história recente de São José. Além das lutas incansáveis pelo empresariado e pelo desenvolvimento econômico de toda a região, a AEMFLO e a CDL-SJ (Câmara de Dirigentes Lojistas de São José) agora ganham mais um aliado para o fortalecimento do setor empresarial e na representatividade: a nova sede. Um sonho antigo colocado em prática com muito planejamento, força de vontade e dedicação.

A história da nova sede começou há dez anos, quando foi idealizada, começou a ser executada desde 2018 e acaba de se tornar real com a entrega da obra e início das atividades no mês de junho. Para o presidente da entidade, José Marciel Neis, a nova sede da entidade é um grande marco na história do associativismo na região metropolitana de Florianópolis. “Essa obra foi planejada e construída por muitos empresários que se dedicam de forma voluntária nas entidades. Enfrentamos muitas dificuldades, como a pandemia, mas sempre acreditamos no nosso sonho. Tudo foi executado



A nova estrutura tem 8,5 mil metros quadrados em oito andares. São dois subsolos de garagens com mais de 100 vagas para carros, 36 vagas para motos e 52 vagas para bicicletas

com recursos próprios dentro do planejamento e do calendário”, explica o presidente.

Com a nova sede, as entidades pretendem ainda ampliar o portfólio de produtos e serviços, trazendo soluções inovadoras, com preços acessíveis, para facilitar cada vez mais o dia a dia do empreendedor.

ESPAÇOS MODERNOS

O edifício tem 5.000 metros quadrados em oito andares. São dois subsolos de garagens com mais de 100 vagas para carros, 36 vagas para motos e 52 vagas para bicicletas. O andar térreo abriga um auditório para 450 pessoas com espaços reversíveis, recepção, restaurante

e salas de apoio. O primeiro pavimento conta com seis salas de aulas. O segundo pavimento é destinado para administração da AEMFLO e CDL-SJ. No terceiro e quarto pavimento estão as salas para parceiros. E o ático abriga a sala de reuniões para diretoria executiva e conselhos, além dos eventos especiais.

Inauguração

A entidade informa que, devido à pandemia do coronavírus, a diretoria executiva não promoverá evento de inauguração festiva do novo edifício, enquanto permanecerem as restrições previstas no decreto do governo de Santa Catarina que está em vigor no momento.

No entanto, a sede opera normalmente para receber os empresários associados, em qualquer dia, durante o horário comercial.



Andar térreo do prédio abriga auditório para 450 pessoas com espaços reversíveis, recepção, restaurante e salas de apoio



Avenida Vidal Procópio Lohn, nº 91
Distrito Industrial, São José/SC - CEP: 88104-810
(48) 4009-5500

www.aemflo-cdlsj.org.br

@aemflocdlsj

/aemfloecdlsj

@AEMFLOeCDLdeSJ

/aemflocdlsj

De olho no futuro



Consumo consciente e o capitalismo

Da última edição do Concurso Cultural do Instituto Sicoob, em 2019, participaram quase 760 escolas de 15 estados, mais o Distrito Federal, envolvendo mais de 60 mil alunos. O Sicoob tem mais de 5,2 milhões de cooperados, formado por 366 cooperativas singulares, 16 cooperativas centrais e pelo Centro Cooperativo Sicoob. É a segunda colocação entre as instituições financeiras com maior quantidade de agências no Brasil.



FOTOS: DIVULGAÇÃO/INIB

Concurso cultural sobre cooperação

Estão abertas até o dia 10 de setembro as inscrições para o Concurso Cultural do Instituto Sicoob, com o tema “Cooperativismo, uma forma de viver”. Podem participar estudantes dos 3º e 5º anos do ensino fundamental 1, de escolas convidadas das redes pública e privada e de cooperativas escolares de todo o Brasil. Daiane Lara Landim, analista de Projeto do instituto, destaca a ideia de

difundir o conceito de cooperação para as crianças. Os alunos mais novos concorrem com desenhos. Os mais velhos, com textos de até 25 linhas. As crianças irão concorrer a kits escolares, tabletes e notebooks. Os professores podem ganhar de R\$ 1 mil a R\$ 3 mil, e as escolas competem para ganhar data show e caixa de som. Mais informações no site: www.institutosicoob.org.br.



Mais de 106 mil beneficiados em ação no Dia de Cooperar

Campanha nacional de arrecadação de recursos para a compra de alimentos e coleta de alimentos nas agências, promovida pela Fundação Sicredi, resultou em quase 750 toneladas de alimentos destinadas a mais de 106 mil pessoas em situação de insegurança alimentar. Foram 693 toneladas recebidas nos pontos de coleta em todo o país e R\$ 288 mil arrecadados por meio de doação de valores - revertidos na compra das outras 50 toneladas. Foram mais de 2 mil doadores em 227 municípios e os valores arrecadados estão sendo destinados à doação nas mesmas localidades.

Saiba o que é o Dia C e quando é comemorado

Neste ano, o Dia C, ou Dia de Cooperar da Sicredi, foi celebrado em 3 de julho, Dia Internacional do Cooperativismo, com o mote “Vem Transformar”. Ele foi instituído em 2009, como um projeto inovador em Minas Gerais. Em 2015, o Sistema OCB decidiu vincular as iniciativas dessa data à agenda mundial proposta pela ONU (Organização das Nações Unidas), que previa a realização de ações apoiadas no escopo dos ODM (Objetivos de Desenvolvimento do Milênio). Algumas cooperativas do Sicredi informam que estão dando continuidade à arrecadação de alimentos.

Mais alinhados

A Unicred está lançando a campanha “Unicred Vai de Visa” apresentando os benefícios para o cooperado na utilização em compras e viagens. A campanha celebra a marca inédita de R\$ 10 bilhões em sua carteira de crédito. Para participar, os cooperados precisam acessar ou fazer cadastro na campanha e adicionar seu cartão Unicred Visa Múltiplo elegível. Cada compra a partir de R\$ 4 dá direito a um número para concorrer. Créditos em fatura no valor de R\$ 10 mil, créditos de R\$ 5 mil e 1 milhão de pontos no Único – Programa de Recompensas Unicred serão sorteados. Os cooperados ainda concorrem aos prêmios Visa, que oferecem créditos em fatura de até R\$ 1 mil, em mais de 16 mil prêmios.



Lide SC em campanha para valorizar associativismo empresarial

Os líderes empresariais estão protagonizando a maior ação associativista da história de Santa Catarina, em campanha inédita no mercado. A campanha de Valorização do Associativismo Empresarial, do Lide (Grupo de Lideranças Empresariais) envolve empresários, lideranças e filiados da instituição, com o objetivo de conscientizar e valorizar a importância do associativismo e a união de forças para gerar oportunidades econômicas e soluções aos desafios atuais e futuros. A identidade visual da ação ressalta o papel do líder como representante das inúmeras digitais que mantêm a economia do Estado em movimento. Por meio de histórias inspiradoras, o intuito da campanha do Lide é mostrar que o associativismo da entidade, além de ser uma ferramenta para o crescimento competitivo das empresas, representa também um espaço para debates sobre os temas mais pertinentes ao mercado. São mais de 50 líderes empresariais e associativistas confirmados na primeira etapa da campanha, entre os principais nomes do mercado catarinense.

Chapecó ganha núcleo

Para desenvolver ainda mais o setor cooperativista e disseminar a cultura do cooperativismo na região Oeste, onde o segmento é uma das forças motrizes, a Acic (Associação Comercial e Industrial de Chapecó) formalizou o Núcleo das Cooperativas. A ação reúne mais de uma dezena de cooperativas. O próximo passo é a definição do planejamento estratégico das ações que o grupo desenvolverá para o próximo ano, incluindo capacitações e trabalhos conjuntos.



Os benefícios do crédito para todos

A Cresol, uma das principais cooperativas de crédito do Brasil, está lançando campanha nacional, na qual pretende se aproximar cada vez mais do cooperado. Dessa vez, reforçando os benefícios de fazer parte de uma cooperativa de crédito. Com o tema "Cresol para Todos", a campanha também mostra uma instituição mais moderna e digital, mas integrada e para todos. As gravações foram realizadas em Maringá (PR), em diferentes cenários: um pet shop, uma propriedade rural, um escritório e o home office. As histórias se conectam entre os diferentes personagens, cuja mensagem sempre é o motivo que os fez optar por participar de uma cooperativa de crédito.

Entrevista Sérgio Rodrigues Alves

“Uma força que está no DNA”

O período de dificuldades provocado pela pandemia da Covid-19 acabou reforçando ainda mais o espírito de união em Santa Catarina. Este é o entendimento do presidente da Facisc (Federação das Associações Empresariais de Santa Catarina), Sérgio Rodrigues Alves. Para ele, a força do associativismo, unida ao voluntarismo, está no DNA do Estado e se fortalece cada vez mais diante das dificuldades, sejam elas econômicas, sanitárias ou provocadas por fenômenos meteorológicos.

■ ■ ■



DIVULGAÇÃO/ND

“

O associativismo em Santa Catarina tem DNA muito forte, marca do meio empreendedor. Sem dúvida, temos uma liderança que é exemplar para o Brasil. Temos este espírito de ajudar. Os exemplos são diversos, em especial nas catástrofes, seja vendaval, enchente... a comunidade se une, colabora, resolve, isso de uma forma admirável e voluntária.”

Sérgio Rodrigues Alves,
presidente da Facisc

Quais são os quatro pilares do associativismo?

- 1º - A cooperação, aquela colaboração entre os associados.
- 2º - Os objetivos comuns entre eles.
- 3º - É a ajuda mútua, a união que o associativismo proporciona.
- 4º - A solidariedade que une as pessoas, para que juntos venham mais conquistas, todas coletivas e compartilhadas naturalmente, que se tornam um benefício para todos, até para a sociedade. É o princípio básico do associativismo.

Como a posição de destaque no associativismo ajudou na pandemia? Que lições tivemos?

Em toda crise, temos basicamente dois componentes. O primeiro é o tempo que essa crise terá. Sabemos que na pandemia o prazo é proporcional à questão das vacinas. Em segundo lugar, é a solução que a gente vai ter (na pandemia, as vacinas). A grande lição que a gente leva disso é a participação, a colaboração e a união de esforços... é o associativismo. A pandemia reforçou tudo isso. Temos que ser mais criativos e prestar atenção nos bons exemplos, para superar estes momentos. Mudamos nosso jeito de ser, para uma forma

mais associativa. E no pós-pandemia, espero que cresça cada vez mais.

E as inovações tecnológicas para o futuro?

Despertamos uma nova forma de agir e até de ser em razão das tecnologias. Os hábitos se transformaram, até no trabalho, na forma de fazer negócio. Hoje, temos o home office mais presente, a comercialização pela internet, até a forma de nos alimentarmos mudou muito com a pandemia. Compramos nossa comida por aplicativos, ao invés de irmos ao restaurante, ele vem até a gente. A tecnologia está nos ajudando a superar dificuldades, e a tendência disso é cada vez crescer mais. Vamos nos beneficiar desta evolução.

Como foi promover o associativismo na pandemia?

Fazermos reuniões e videoconferências sem ter que nos deslocar é um reflexo disso. Veio ao encontro da necessidade de nos preservarmos. Tivemos dois setores extremamente afetados, o de eventos e a hotelaria. Mas, felizmente, o associativismo está criando mecanismos para a retomada dos eventos, da movimentação hoteleira e do turismo.

QUER VER SUA MARCA NA TELEVISÃO?

ANUNCIE NA NDTV | RECORD TV COM O
MENOR CUSTO E A MÁXIMA EFICIÊNCIA.
ACESSE AGORA [CIMTIAADS.COM.BR](https://cimtiaads.com.br)
E FAÇA UMA SIMULAÇÃO.
É FÁCIL. É BARATO. É RÁPIDO.
APROVEITE!

Com a plataforma Cimtia é tão fácil anunciar
quanto no Youtube, Instagram e Facebook.

